

Em 'Homens e histórias no Recôncavo', reúnem-se artigos, causos, poemas e prosas a respeito da vivência e do cotidiano histórico, citado em algumas das principais cidades do Recôncavo baiano. Constituído por textos inéditos e outros desses publicados em jornais, rádio, breviários locais e em redes sociais, ao qual se permite uma abrangência de temas, mesclando fatos e personagens, numa dinâmica *literata* em perpetuar tradições referenciais para o campo das artes, ciências e política.

Denilson Conceição Santana



Denilson Conceição Santana



Homens e histórias no Recôncavo

ف

Faz de Conta

Homens e histórias no Recôncavo

Denilson Conceição Santana

Homens e histórias no Recôncavo

1ª Edição

ف

Editora Faz de Conta

2020

© Denilson Conceição Santana para a Editora Faz de Conta, 2020.

Capa: Foto de Álvaro Ricardo sobre *vídeo - mapping* de Roberta Carvalho e *Performance* de Denilson Santana na fachada da Academia de Letras de Santo Amaro, 2017.

Obra sob Registro:

Biblioteca Julieta Carteado, Universidade Estadual de Feira de Santana. Nº de chamada: 981 S223r. SISBI.

Biblioteca da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Nº de chamada: Folheto 244. SISBI.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução parcial ou total deste livro, desde que citada à fonte.

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

<http://denilsonsanatana.wordpress.com>

SANTANA, Denilson Conceição.
Homens e histórias no Recôncavo. Denilson
Conceição Santana. 1ª Edição. Col. 154 pgs.
Editora Faz de Conta. 2020.
1. Literatura Brasileira; 2. Artigo; 3. Prosa. I.
Título.

Impresso no Brasil

ÍNDICE

Homens

Zeca Salomão e as paisagens do silêncio	11
19 de abril, dia do Índio	17
Banda Contracultura de Santo Amaro	25
Professor Arnor Costa Ramos	33
Jorge Portugal do Brasil	41
Raimundo Di Araújo, ou a alma do pintor à prova	49
Causo da centenária casa de farinha do finado Juca	55

Histórias

A primeira Professora Pública do Município	63
Cidades - museus do Recôncavo	71

Prédio da Academia de Letras de Santo Amaro	79
O fogo simbólico	91
Museu do Recolhimento dos Humildes	99
Cruz das Almas cronologia histórica	105
Historia do livro 'A Rainha do Recôncavo'	113
Praia de Itapema	119
Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes	125
Inauguração do Teatro Dona Cano	131
Arte barroca contemporânea	137
Criação do Museu de Arte Contemporânea do Recôncavo	145
Sobre o Autor	153

Homens e histórias no Recôncavo

Homens

Zeca Salomão e as paisagens do silêncio



'Fonte do Doutor'. Acrílica sobre tela do pintor Zeca Salomão.

José da Hora Salomão, conhecido como 'sêo Zeca Salomão', nasceu na zona rural de Muritiba, cidade do Recôncavo baiano no ano de 1926, mas veio com seis meses de idade para Cruz das Almas e aqui viveu até a data de seu falecimento, aos 94 anos, em 29 de abril de 2020. Morou ainda na zona rural de Poções e estudou na então recente inaugurada Escola Comendador Temístocles. Autodidata, ainda criança descobriu o seu dom de pintar, o que levou a expressão seu amor pela cidade e temas bucólicos desenvolvendo uma paleta dócil e extremamente duradoura em vias da observação atuante e atenta da passagem da vida e de movimentos que há nela e onde livrava os obstáculos impostos pelo rito da pintura envolto em tintas e matizes, pinceis e pontas secas de desenho e abstração singular.

Seu trabalho foi construído de maneira generosamente atenta e de forma significativa, sendo nítido seu exemplo em diagnosticar as necessidades cotidianas e de vertentes históricas, servindo sua série de trabalhos concluídos ou não terminados ao qual ficam esboços e projetos, como ponte e alicerce para uma inclusão certa, ainda hoje, onde se discute de forma contemporânea a importância de artistas natos na formação crítica da história da arte a partir de

localidades ditas como 'primitivas' e afastadas dos centros de pesquisa e de estudo do cânone.

Dentre sua produção consta-se de um grande acervo de mais de mil telas produzidas, em vários tamanhos e moldes, temas e cenários, sendo que é considerado um Mestre da Pintura, um genuíno representante das Artes Plásticas cruzalmense. Seus quadros reverberam histórias da cidade, representações de paisagens, bustos, dentre outras, figuras em primeiro plano e em perspectivas, sendo buscado uma amplificação de resultados plásticos na obtenção de paletas firmes e rabiscos livres que completam suas ilustrações e registros da sua cotidianidade.

Muito agora, e já depois de sua partida, ainda se tem falado da obra póstuma restante e belíssima do pintor Zeca Salomão. Muitas delas são de pequenos colecionadores e apreciadores de seu talento, e aqui sendo coisa de se admirar, pois em numa cidade de interior como Cruz das Almas, e por onde vingou parte maior de suas telas, local que não existem cenários, nem editais de apoio nem cultivo, é bem rara a compra desses itens com sabemos e no caso de pinturas, sendo que os pintores formam uma classe abastada e reduzida, trabalho de Sr. Zeca Salomão é muito bem aceito,

formando um dualismo e contradição inerente, de onde se nota um interesse muito grande em ter uma de suas pinturas e outros feitos de desenhos concedidos por encomenda exclusiva pelos amigos e ou de admiradores de sua arte.

As pinturas de Zeca fazem sucesso não só no Brasil, mas pelo mundo afora. Em certa feita, em uma única oportunidade, me fiz corajoso em ir até ele, e ainda de paleta ativa, em visita a sua casa me concedeu uma generosa conversa e entrevista sobre tintas e me confessou ter enviado para países diversos algumas telas, ao qual pela idade, não se recordava onde, sendo auxiliado a rememorar-se com sua amada e querida esposa, companheira de tanto anos.

Atento ao silêncio que vigiam seus temas, suas pinturas parecem gritar em querer nos falar, e nos dizem explodindo em cores e alegrias. Pintor das situações de precisão fortuitas admirava as mudas de plantas, dos frutos e das madurezas das coisas, e que eram denominadas por ele de "natureza silenciosa", forjando um campo de referência concisa ao seu trabalho, onde relacionava a observação atenta e precisa com as pinceladas e o desenho exato no tecido de seus quadros, fazendo um perfeito jogo de luz e cena que em época das

poucas exposições que fez, aparecia de forma exata em relação à sua coleção.

Uma de suas pinturas mais conhecidas foi “A Fonte do Doutor”, por ser esta incluída em circuitos da Internet, e que acompanha esse deslumbramento a compor imagens com fragmentos de lembranças e idéias sobre a natureza sendo o seu caminho e orientação plausível dentro da arte. O local conhecido pelo nome de sua tela é memória atenta de Cruz das Almas ainda em formação de cidade, por volta da década dos anos 50 do século XX. Onde ainda há quem se lembre das histórias entorno deste lugar bucólico, pela herança ser uma referência importante a quem ainda em épocas remotas se dirigia até ali, que servia originalmente entre outras serventias de ponto de abastecimento da cidade com a sua água admirável. Um local que marcou a vida da cidade, onde era comum a expressão, que se tornou popular e era citada em todos os lugares: ‘Quem bebe água da fonte do doutor, volta!’. E tinha esta denominação devido à fonte original, onde o medico Dr. Ribeiro dos Santos se banhava todas as manhãs, daí o nome e que ainda hoje existe uma rua com o seu nome como homenagem, localizada entre a Avenida

Alberto Passos e Crisógno Fernandes. Pura história que ficou marcada na lembrança e no pictográfico de Salomão.

Um senhor distinto que viveu em Cruz das Almas na Bahia, com seu olhar atento e expressivo, ao qual empestava cordialidade e sapiência aos seus, e nesse mesmo íterim se dispôs a servir com dignidade e altivez todos que a ele o procuravam, seja para admirar suas telas, seja para um bate papo sobre temas diversos ao alpendre de sua residência ou onde quer que ele estivesse era um senhor cortês, de poucas palavras e sabedoria nata que lhe tomava forma no jeito de olhar e administrar respostas curtas e precisas de um velho sábio e guerreiro.

Salomão deixa um legado de rara beleza ao qual possuía no direcionamento de seu vínculo e poeticidade na feição de obras de arte, além do zelo e cuidado com a sua devoção despretensiosa ao campo imagético e se enquadra num ambiente de heróis onde a escolha da profissão age em comuta como sendo seu correspondente imediato a uma perpetuidade do *logos* imaginário pintado.

19 de abril, dia do Índio.



Antônio César Lima, o 'Índio' em indumentária no desfile do dois de julho.

'Índio', como era conhecido Antônio César Lima, nasceu em 14 de janeiro de 1961, foi uma cidadão de natureza pitoresca e vislumbrante nas épocas de festividades no Recôncavo, principalmente nas festas de largo em Santo Amaro da Purificação, como no dois de julho, com o carro da 'Cabocla', no aniversário da cidade e no sete de setembro, em que chamava atenção à cultura indígena. E era divertido vê-lo passar em desfiles e festejos diversos esbanjando com suas cores e alegria um jeito feliz de viver.

O 'Índio', muito embora se enquadrasse na categoria de desempenho artístico, era um financiador discreto da cultura local e por que não dizer nacional. Esquecido entre golpes de falta de apoio, de patrocínio e de certa ignorância pelas diversas secretarias de cultura da cidade que não o deram sua merecida ajuda e contribuição retroativa, entretanto era o centro das atenções e até serviu de plataforma para alguns prefeitos se elegerem.

Performer da arte e da cultura mereceu todos os prêmios em vida que, até sua despedida recente em 2020, não o foi empenhado pelas governanças locais e até mereça ser por merecimento o tema da próxima festa da padroeira da Purificação como forma de agradecimento, respeito e

reverencia a um contemporâneo e conterrâneo das artes.

Contou-me ele uma vez numa entrevista para um livro que esboçamos fazer em conjunto que, no começo de sua história saía sozinho em forma de homenagem a seus/nossos ancestrais e de simples prazer e alegria em ver as pessoas sorrirem. Com o tempo, organizou um grupo maior com adultos e inúmeras crianças nos anos 80 e 90, vestidos em saiotos, pinturas em pele direta, enfeites naturais, raízes, plumagens, estandartes, arcos e flechas em madeira, como em um ritual urbano pseudo-xamânico.

Muito de seus adornos e trajets eram confeccionados por ele mesmo, outrora fazia adereços mistos e plurais advindos da espécie e herança pós-colonial cabocla a que a cidade por história política embrenhou-se desde a sua fundação, como colares, cachimbos, fitas e fitilhos coloridos com as cores do estado: azul, vermelho e branco, e do Brasil, assim como ossos, dentes, danças e palavreados mistos de origem indígena, com substratos das matrizes africanas e portuguesa que a que se embrenhou.

Figura merecedora de respeito e benevolência por parte da cultura santo-amarense e de valoração cultural de nosso país, pois descendia do educandário natural das populações

nativas do entorno do Recôncavo, das tradições medievais e pré-coloniais à época dos primeiros passos das invasões e incisões de terras em batalhas e mortes de gentios promovido pelo então governador geral Mém de Sá, desde 1557 e muito antes às margens do rio Traripe, aos índios aqui residentes, do ramo dos Aimorés, Abatirás indo até aos Tupinanbás localizados na Barra do Paraguaçu.

Segue aqui caro amigo, o grande 'ícone da Candolândia da Baixa d'égua' minha simples resposta aos meus anos de felicidade que ajudou-me a construir e que pensamos ser mais um caso simples em uma cidade incrustada de cultura e de ignorância pelos seus.

O ícone dos índios de minha cidade agora é entidade perpétua por nobre causa e suas raízes de origem, totalmente geradas pela matriz do lugar, forçaram-nos a acreditar em que a valorização e respeito aos povos e culturas passadas se devem e que finalmente não é coisa tão difícil de seguir, bastando acreditar e dar suporte aos que bravamente hoje, e no futuro, se prestaram a alguma causa de resgate cultural, participação social, vida em comunidade e geração de patrimônio imaterial.

Pensar em resgate cultural neste início de século XXI numa região que, muito embora cercada de valores primitivos, de heranças e visões patrimonialistas portuguesas e de percalços lusitanos, além de vertentes e desfloramentos dos povos africanos colonizados que aqui chegaram, tem sido muito embuído da dificuldade de acesso a documentos que levem uma reconsideração da importância desses povos no construto da civilização no Brasil, e em especial no Recôncavo baiano, onde a gama de trabalho e desenvolvimento levou a acreditarmos na possibilidade de sonhar alto, e lá chegamos, visto isto com a propagação das paróquias nas regiões mais afastadas da sua então capital a cidade de São Salvador e, por conseguinte, então na eclosão das *villas* e formação de distritos, interiorizando a província. Essa dinâmica de formação da população se obteve em deveras bastantes lutas e batalhas pela terra, e as poucas aldeias das tribos indígenas a que possuíam os índios aqui acabaram por serem vítimas mais fáceis e frequentes onde o genocídio e a matança obrigou-os a se afastarem das áreas mais populosas e de onde eram feitos escravos e postos em locais de trabalho forçado nas lavouras, pecuária, e no trabalho braçal das moendas, para regiões mais densas do

Recôncavo, permitindo assim a perda total ou quase total de suas heranças e costumes intrínsecos, e que acarretou e nos levou aos dias atuais na quase que impossibilidade de uma interação aos valores e busca de aprendizado com esses povos de herança primitiva, ao qual se permitiu e se permite uma aproximação mais tenra e afetiva com terra e ao solo no qual pisamos, além de saberes ancestrais e de vivência com esses assim chamados ‘povos da floresta’ .

Muito difícil quando uma pessoa como o Sr. Antônio César Lima se nos despede assim de forma abrupta, deixando-nos quase que impossibilitados e órfãos de uma cultura tão rica e que agora carece mais do que nunca de uma reaproximação mais cuidadosa e mais humana no que se concerne a busca por uma vida em harmonia e em sociedade igualitária.

Decidido em ampliar sua importância e fazer re-posicionar seu valor histórico, folclórico e humanitário junto à comunidade no presente, este breve artigo, se predispôs a uma singela e de minuta homenagem a uma só pessoa, dentre tantas outras, que se permitem, ainda mesmo sob deveras penas e dificuldades em manter viva a cena e a chama das origens e tradições dos povos originais e

tradicionais, e que mais além das impossibilidades que surgem diante tantas faltas de garantia de patrocínio pelo estado e por instituições privadas, a de garantir sua perpetuidade e fortalecimento da memória das matrizes de raças aos quais foram, e é foco central para a discussão de sua perpetuidade.

Banda Contracultura de Santo Amaro



Banda Contracultura em sua primeira formação. 1994.

“Considerada por muitos como a melhor banda de rock que nasceu em Santo Amaro, a ‘**Contracultura**’, após um entra e sai de integrantes, dentre eles: Edu Alves, Johann Peer e Flávio Soares, encontrou no *power trio* composto por: Adriano Franklin Barros (baixo e voz), Jason Silva (guitarras) e Denilson Santana (bateria), sua formação mais perfeita. Com ecos de rock progressivo e pós-punk inglês, trazia influências que iam de Alceu Valença a Sonic Youth”.

Essa definição acima do compositor e jornalista O Neto do Herculano, para o Jornal O Trombone e de fanzines da época, traduz boa parte do material produzido pelo grupo, mas, que sem dúvida alguma, o comportamento musical da banda é o que a faz tão importante e serviu de marco de um momento histórico extremamente produtivo e excepcional.

Formado em 1987, pelos músicos Denilson C. Santana e Jason Silva Santos, foi um desmembramento da banda

Filhos da Tribo, ou FDT, e já contava com as composições luxuosas, surpreendentes e vocais de Eduardo Alves, além de Roquinho, nas cordas. Teve sua primeira apresentação somente em 1989, no Clube Social do Apolo em Santo Amaro, chamando atenção desde então pela novidade musical e arranjos e um adendo além de parâmetros vistos até então na música local.

De fato, a Banda Contracultura de Santo Amaro da Purificação foi vanguarda no seu tempo em vias de sua atualidade musical e fez história numa época em que informações musicais eram escassas, apenas o rádio com poucos programas musicais dava o acesso diferenciado. Era um período dos lançamentos dos discos em vinil, e dos demos-tape em fita cassete. Para se ter uma idéia, em Santo Amaro nesta época existia apenas uma loja de discos e acessórios musicais e as novidades demoravam chegar por ali, seja por falta de informação ou mesmo de procura, uma encomenda demorava meses. O formato CD dava seu primeiro aparecimento e não havia mídias digitais pra dar suporte e divulgação, e carecia de diálogos com outras linguagens artísticas e gêneros musicais. Um tempo ou um período de gravação em estúdio custava muito caro e eram

suportados e definidos por grandes empresários de tríos elétricos e de carnaval e bancados pela indústria da música baiana, do *axé-music*, que dava seus primeiros passos, e como eram raros os movimento em prol de composições próprias e uma música atual e verdadeira que refletissem os temas da juventude, suas inquietações e relevâncias, e uma certa revolta juvenil unidos em numa linguagem própria e conceitual, acabou por ser uma revelação no cenário musical local e baiano.

A preocupação musical do grupo, com timbres, acordes, ritmos, fusões e assertivas sonoras, além de notável abrangência textual, onde os escritos, poesias e dilemas contemporâneos eram transformados em canções e gestos musicais tomavam alento diante do aparelhamento instrumental do grupo.

Pelo fato de formarem sempre um *power-trio*, como alguns definem esse tipo de formação, sempre chamou a atenção e de certo pré-conceito por parte de outros grupos, compositores e bandas que insistiam com um número bastante grande de músicos e materiais, como: instrumentos, aparelhagens e afins, onde a Banda Contracultura, de forma

simples e direta, dava conta com apenas três integrantes e instrumentação reduzida.

Foram muitas apresentações desde então, entoando praças, clubes, bairros, cidades, garagens, ruas e jardins, com um público fiel que ia se formando a cada novo show e reunião. Daí surgiram outros grupos e bandas que foram se unindo, aumentando e fortalecendo o movimento com vindas de músicos de outros ritmos, de outros bairros da cidade e de cidades circunvizinhas.

O nome Contracultura é um movimento que teve seu auge na década de 1960, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social e utilizando novos meios de comunicação em massa. Jovens inovando estilos, voltando-se mais para o anti-social aos olhos das famílias mais conservadoras, com um espírito mais liberal, resumido como uma cultura underground e alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e de comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e de pequenas realidades do cotidiano. O nome Contracultura para a banda foi originária da composição do letrista Johann Peer, tema de

música classificada e defendida no Festival SELIBASA (Semana do livro baiano em Santo Amaro, Bahia) no ano de 1991.

A banda Contracultura pode ser definida como um ideário revolucionário dentro da música praticada desde então, numa cidade condensada em cultura, como é Santo Amaro no Recôncavo Baiano e que abriga e conserva matrizes sonoras de heranças tradicionais, sendo centro aglutinador histórico e de formação de público musical e alternador que questiona valores centrais vigentes e instituídos na cultura ocidental.

Desde então, tem servido de base, influência e referência quando se fala em comportamento, poética, atitude e fusão de ritmos da *world music*, a partir do rock, além de artistas de diversos estilos musicais, como o *jazz*, MPB, *folk*, ritmos brasileiros, o *blues*, e por aí adiante, sendo todos esses de alguma forma ligados às críticas e à contestação do movimento.

Brilhantemente as ações e partes musicais da Banda Contracultura foram se desfazendo além dos tempos pela dificuldade de se alardar aos novos tempos vindouros, em virtude de projetos pessoais e de se fazer ampliar além de

seus integrantes outras possibilidades de chegar ao público da época e vindouras seu referencial, seguindo alguns por caminhos diversos, mas não tão atenuantes, como a literatura, as artes visuais, o trabalho em estúdio, e em outras áreas da sociedade.

Deixou como registro algumas fitas-demos cassete, um CD gravado, mas que não chegou a ser lançado oficialmente com o nome de 'Legria', onde constam basicamente composições de Adriano Franklin, seu principal baixista e vocalista.

Para deleite dos fãs, ainda existem algumas cópias 'piratas' e avulsas, vídeos e depoimentos, que servem para contar uma época de criatividade, produção, desejo, invenção e de uma certa devoção à música de qualidade e diferenciada produzida até então nos recônditos do Recôncavo baiano.

Em letras de poéticas marginais e de certos vislumbres, como as fortes derivas de Eduardo Alves em 'A carta', ou nas belíssimas composições de Johann Peer, como: 'Violência' e ou em 'Poesia do submundo', por exemplo, é possível investigar as matrizes de um período histórico e altamente político, que não se calam diante aos fatos e que servem de ofício salutar aos campos da música e da arte atual.

Desta maneira, a Banda Contracultura cumpriu, e cumpre até hoje seu papel diante a história da música produzida no Recôncavo da Bahia, dita alternativa, underground e de poesia própria, aludindo ao campo universal dos sons e movimentos contra-culturais e de inovação lítero-musical e de onde muito se ouviu falar pelo momento histórico de criação e entusiasmo juvenil e que ainda respira uma volta a qualquer momento, mesmo que seja em forma virtual, já que recentemente une as falas, documentos, músicas, vídeos, escritos e outros em uma página na internet e que pode ser acessada e visualizada por todos. *Avohai* Contracultura.

Professor Arnor do Polivalente



O Educador Arnor Costa Ramos em seu ambiente de trabalho.

Arnor Costa Ramos, ou simplesmente professor Arnor do Polivalente, foi um pedagogo e educador, diretor do Centro Educacional Polivalente de Santo Amaro ou do antigo Polivalente de Santo Amaro, sendo que este foi o seu primeiro gestor e de onde saiu somente depois de sua aposentadoria. Um dos mais emblemáticos educadores de Santo Amaro, pela sua maneira rígida, concreta e disciplinar em se fazer educação, sendo respeitado como um dos mais brilhantes professores do município.

Falar de Arnor é falar também da escola Polivalente, esta que foi sem dúvida um estabelecimento impar e virtuoso em seu tempo, com professores de categoria e ilustres importantes dentre seu quadro e estadia em fazer educação e discípulos. Suas disciplinas diversas servem de exemplo para qualquer faculdade e universidade hoje, onde era possível cursar nível técnico em diversas áreas e linguagens que iam da botânica às artes, das ciências humanas à matemática e engenharia. Disciplinas como educação artística, técnicas agrícolas e pecuária, técnicas contábeis, cursos técnicos em celulose e papel, datilografia, desenho industrial, biologia, laboratórios, máquinas e equipamentos, física, astronomia, disciplinas em saúde, capoeira, organização moral e cívica,

organização social e política do Brasil, matemáticas, história humana e igualitária em suas mais diversas áreas, dentre as demais, foram algumas que eram oferecidas aos alunos da rede pública de ensino e que figuraram por décadas o legado de uma escola eficaz e competente.

Professor Arnor era um homem disciplinar e disciplinador como disse e queria que todos aprendessem a se comportar como seres educados e exemplos para a sociedade, não era raro ele insistir em que o aluno ficasse até mais tarde estudando e pesquisando na biblioteca, mesmo quando tocava o sinal de ir embora nos fins de turno, ao quais funcionavam pela manhã, à tarde e à noite, favorecendo a todos que buscassem auxílio para o aprendizado.

Da notícia de sua morte, dos jornais e das redes sociais foram coletados alguns depoimentos, que por ora trago aqui:

“Faleceu numa fatídica segunda-feira, 13 de fevereiro de 2017, com 71 anos, o professor Arnor Costa Ramos, um dos mais conceituados educadores de Santo Amaro, o Prefeito decretou luto oficial de três dias”.

“Só lembro das famosas redações que o senhor passava pra mim diretor 60 linhas no mínimo frente e verso da folha de caderno kkkkk, era bom aquele tempo ver o senhor gritando volte garoto”.

“... nossa, fica com Deus Arnor deixou saudades depois que o senhor saiu da direção da escola Polivalente a escola nunca mais foi a mesma, hoje em dia nem merenda da na escola nem os campeonatos de futsal não rolam mais...”.

“Quem nasce pra ser grande nunca morre, adormece.”.

”Obrigado professor,por tudo que o Sr. fez pela educação de santo Amaro”.

“Prezados, a Prefeitura de Santo Amaro, deveria interceder junto ao governo do Estado, para mudar o nome da Escola Polivalente de Santo Amaro para Centro Educacional Arnor Costa Ramos, seria uma justa homenagem visto que o modelo dos colégios Polivalentes

se perderam com o tempo e Prof. Arnor dedicou a vida toda àquele colégio!”.

“Uma perda irreparável para Santo Amaro da Purificação”.

Meu diretor querido do Polivalente, colocava a gente para fazer horta e plantar flores e fazer cópias e cópias do Hino Nacional...”.

“Foi o melhor diretor de escola que tivemos em Santo Amaro ...”.

“Não desmerecendo os outros claro, mas foi o meu preferido...”.

“Vá em paz e que Deus te receba meu querido...E conforte a família.....Eu amava ele...”.

“... pouco tempo encontrei ele aqui em Salvador, ele me perguntou logo, tá estudando? tem que estudar viu, a maior riqueza de um cidadão é o estudo... Ele me falou isso... Fiquei emocionada... Triste agora...”.

“Acabo de ter essa noticia quase um ano após esse acontecimento, esse maravilhoso professor fez parte da minha educação, severo, duro e sábio, muito aprendi com ele, lembranças e marcas da sua liderança na frente da Escola Polivalente, professor Arnor foi um grande e maravilhoso educador um modelo para o mundo, nesse exato momento sinto meu coração chorar de saudades de outro lado me coloco a pensar que a vida é uma passagem e que o importante é deixarmos marcas de bom exemplo, e esse ser deixou, BRAVO! Professor Arno uma passagem marcante pelas ruas da vida.”.

Comentários e elogios à parte, o Professor Arnor figura um importante legado na história da formação de alunos e respeitados ativistas na sociedade atual, pois foi cúmplice de educação argüida e incisiva a que se prestava, seja no instauro de atividades ligadas a cátedra seja de honrarias

expedidas a eventos públicos, sendo notadamente esperado, a exemplo do desfile do sete de setembro, dia da Independência do Brasil, e ao longe o povo gritava e alarmava: ‘Lá vem a escola do prof. Arnor’, o que era fonte de orgulho e apreciação, e surgia entre a ladeira que dava acesso a escola e seguia por ruas adiante, num espetáculo de luzes e cores, com um banda de fanfarra, sempre fardados em criatividade e adereços produzidos exclusivamente na escola para o evento, além de blocos de balizas, artistas da performance, cartazes, carros alegóricos, uma festa linda pra quem teve a oportunidade de desfilar e estar presente em seu tempo.

Infelizmente a escola depois da aposentadoria do professor não foi mais a mesma e com as diversas mudanças na estrutura do calendário pedagógico, políticas e descaso com a educação, a escola deixou de funcionar e atualmente abriga o Centro Tecnológico de Turismo da Bahia, deixando órfãos milhares de alunos que passaram e colaboraram com a história de crescimento do órgão de ensino e que teve na figura imponente e ágil do professor Arnor seu emblema mais incisivo e vivaz dentro do grande sistema de educação na Bahia.

Jorge Portugal do Brasil



Antonio Jorge Portugal, Compositor Santo-amarense. Foto de data desconhecida.

Antonio Jorge Portugal, ou simplesmente Portugal como era em Santo Amaro a sua terra natal mais conhecido o professor de língua portuguesa, ensaísta de temas diversos, apresentador de televisão, poeta, letrista e compositor brasileiro que fez historia, referencia e influencia a gerações de estudantes e entusiastas da literatura principalmente.

Minha memória mais vã de Portugal era de como, eu ainda adolescente e jovem empreendedor no campo das artes, o tínhamos na pessoa dele um ícone e exemplo, seja para bem ou para o mal, em vias de que havia ser um homem de bons hábitos e bem aventurado naquela cidade ‘Leal e Benemérita’ dos anos 80 e muito do qual era designatário, por conseguinte afiliação e esmero, a tantos outros estadistas e incentivadores da cultua local em heranças seculares no recôncavo que estão em todas as artes da ciência, política e artes.

E diante tantas amizades com pensamentos plurais e depoimentos sobre a vida e estéticas díspares, e agindo imerso em um círculo de discussões de filosofias ‘de quintal’, o adro no largo da matriz da Igreja de Nossa Senhora da Purificação reunia algumas pessoas em finais de tarde e que se prolongava a conversa até altas horas e muitas

delas virava a noite, sendo chamado de 'O Senado Santo-amarense' e congregava gente de toda parte e formação numa espécie de palanque, ou uma *Ágora* interiorana, onde por vezes era comum que Portugal chegasse para por o bate-papo em dia, onde conversávamos sobre todas as coisas, mas eu gostava mesmo era de falar de música e poesia, e discutir gostos musicais testando a minha personalidade com as escolhas de grupos, cantores e bandas de todos os períodos, o que acabava em ampliar sempre meu repertório para uma próxima oportunidade de estar ali.

Portugal tinha um jeito muito particular de comunicação e de compreensão da fala e do saber, exigia dos mais desavisados a devida atenção às propriedades de seu alfabeto, único, de onde corrigia o extrato de tecer forma e ampliando a cessão da permissibilidade da língua portuguesa, viajando por perfis, gírias e abreviações, afixando a linguagem a um extrator e em um tradutor da letra em si, só possíveis para poetas maduros e de disseminadores do *lócus* gramatical em essência, a qual temos no Recôncavo muitos escritores e historiadores além de uma paleta muito grande de estéticas, ademais muito devido á mistura de idiomas e raças, que de forma mesclada formou a nossa civilização em períodos

arcaicos do Brasil pré e pós - colonial, servindo de comparação a outras partes da Bahia onde se obteve uma formação diversa, mas não menos importante que no Recôncavo, apenas diferenciado.

Portugal em outras ocasiões, á época de quando das minhas publicações, me ajudou a divulgar meus livros do Engenho do Conde e de pinturas, comprando alguns para presentear aos amigos de fora do estado ou mesmo comentando e falando bem deles, mas mesmo assim não lhe dava desconto, em vias de que não aceitava e dizia que devia cobrar até mais caro pela importância deles, o que me deixava agraciado e lisonjeado.

Era de costume, ás vezes, ficar até mais tarde no bar Chapéu de Palha, local de encontros, turistas, artistas e novas amizades, onde por vezes também aparecia e sabia que ele tomava conta de minhas doses de whisky, o que gerava gargalhadas e boa aventura pela noite inteira na praça da Purificação, onde tomávamos rumos diversos após novos contratos no campo das artes com os conhecidos e os recém chegados na cidade.

Noutras ocasiões encontrava com Portugal na Cachoeira da Vitória, local um pouco afastado da cidade no

distrito de Pedras, em tempos desconexos e inusitados, sozinho e amante da natureza, ele indo e eu chegando.

Mais tarde, com a formação de artista e professor concluída, ele foi convidado a assumir o cargo de Secretário de Cultura da Bahia entre 2015 e 2017, onde possibilitou a abrangência do nome da cidade de Santo Amaro e da região na revalorização cultural e humanitária e, por conseguinte na Bahia, mas permaneceu por pouco tempo no governo devido a pressões no campo político. Seu interesse era em ministrar palestras e no campo televisivo onde apresentou programas de educação, arte e cultura, sempre relacionados à sua principal atuação de professor e lingüista, além do rádio e recentemente nas redes sociais da internet.

Foi um exímio compositor de sucessos, desde a época em que viveu em Santo Amaro, sua terra de nascença como matriz da canção, até os dezessete anos, quando transferiu-se para a Salvador, onde cursou a faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia, e de onde passou a conhecer outros amigos e colegas. Sua obra alcançaria projeção nacional em 1980, quando juntamente com seus parceiros musicais Roberto Mendes e Raimundo Sodré formavam o trio central de sucessos do período e exemplo de

produção e arranjos feitos exclusivamente para temas assertivos da vivência do homem da região em virtude de seu campo global, sendo que com este último colega e amigo participou do "Festival MPB Shell", da Rede Globo, classificando "A massa", parceria de ambos que lograria o terceiro lugar naquele concurso musical.

Mais tarde, segundo depoimento do próprio artista, confessou que a letra da canção foi composta ainda no ano de 1976.

Segue uma lista de canções que fizeram nome e representatividade;

14 de Maio (com Lazzo Matumbi);

A Beira e o mar (com Roberto Mendes);

A massa (com Raimundo Sodré);

Alegria da Cidade (com Lazzo Matumbi);

Amor de matar (com Roberto Mendes);

Assim como ela é (com Roberto Mendes);

Baião pisado (com Raimundo Sodré e Roberto Mendes);

Brasileiro, profissão sonhar (com Roberto Mendes e Raimundo Sodré);

Caribe Calibre Amor (com Roberto Mendes);

Coió da Anália (com Raimundo Sodré);
Filosofia pura (com Roberto Mendes);
Menino triste (com Raimundo Sodré);
Resistência (com Raimundo Sodré);
Só Se Vê na Bahia (com Roberto Mendes);
Vá pra casa esse menino, viu? (com Raimundo
Sodré);
Vida vã (com Roberto Mendes);
Vila do adeus (com Roberto Mendes);
Iluminada (com Roberto Mendes).

Raimundo Di Araújo, ou a alma do pintor à prova.



'Um Cavalo Azul', detalhe. Obra de Di Araújo. Óleo sobre tela, sem data.

Este artigo se presta a analisar as varias virtudes e deslumbramentos de um pessoa que desde a minha infância admirava pelo seu trabalho reluzente e de natureza poética insípida, forte e exemplar, mas que noticia tristemente sua partida deste mundo material, e alça um breve itinerário de um dos grandes expoentes e importantes artistas plásticos da Bahia, sendo do mundo da pintura um de seus mais dedicados e veemente de seus colaboradores, Raimundo Araújo ou Di Araújo, como conhecido e gostava de ser chamado, homem simples de conduta apreciada e honesta, além de um *gentleman*, um lorde pintor e artista plástico de olhar humanitário, às vezes surrealista e ao mesmo tempo muito lúcido em suas pinceladas.

Durante sua passagem por esta vida se dedicou de maneira ímpar na escolha de seus personagens e de seus olhares lúdicos, alhures fictício mais de um tom verdadeiramente poético. Pintou paisagens, temas religiosos, retratos, nus, temas corriqueiros e do contemporâneo. Agiu entre os apreciadores de arte e o povo comum, entre o intelectual e agenciador de arte, entre críticos, curadores e ilustres figuras compradores de suas obras e entre demais leigos e importantes estadistas.

Fez imagens inéditas e imponentes de casarios e praias, naturezas-mortas e vivas, agindo de forma incansável na delicadeza do traço e pela escolha de uma palheta sensível e delicada pondo a prova sua gente, seu habitat e campo de atuação, principalmente da região onde escolheu para viver "abençoada por Deus, como diria".

Lembro-me que quando criança, ainda nos anos oitenta a caminho da escola passava sempre em frente de seu ateliê e atraído pelas cores e olfato de suas telas em óleo, acrílica e essências, e ou pelo seu bigode a lá Salvador Dali, o que me deixou lembranças positivas do cultivo do desenho na possibilidade de novas ideias para o campo das artes plásticas num contemporâneo em que referências na pintura e na história da arte somente se cunhavam pelos livros e poucos recursos a que chegavam até mim.

A propósito de novas oportunidades de exposição, abrandou enorme experiência e exemplo de dedicação ao cultivo do olhar e resguardo da pintura ao frutífero eterno da doação de si aos pinceis no momento em que o registro da realidade ainda se perfazia de máquinas análogas sendo assim um historiador da vida cotidiana do povo e relíquias do Recôncavo.

Teríamos tempo se não fosse o desejo divino de devolver e ampliar seu valor com o lançamento de suas obras num catálogo geral de suas pinturas o que ficou para um pouco mais adiante quem sabe, o que resultaria em um enorme restauro de sua importância.

Quando em 2015 o convidei para participar da exposição dos 14 anos do Teatro Dona Cano ele se prestou à disposição, e cordialmente como sempre, nos apresentou, e assim nos presenteando com uma obra bela e irrequieta: "Um cavalo azul", pintura curiosa em que um num ambiente anilado aparece a uma figura fantasma de um cavalo entre um céu verde-azulado, distanciando-nos um pouco da realidade e ressurgindo entre o jogo lúdico da cena em um ambiente propício a aventuras da imaginação e do olhar, o que fez grande sucesso na exposição e chamou bastante a atenção do público visitante.

Raimundo Di Araújo desenhou também e é recorrente em sua coleção de pinturas muitas imagens sacras, santos, e figuras da igreja, a exemplo da imagem de Nossa Senhora da Purificação. Representou também ruas de cidades, principalmente as do Recôncavo, como São Francisco do Conde, Santo Amaro da Purificação e Saubara, além de

monumentos e prédios públicos e privados, ruínas e casarões abandonados. Algumas destas pinturas foram doadas, compradas ou adquiridas pela prefeitura de Santo Amaro através da Câmara de Vereadores onde figuram expostas. Outras pinturas e quadros podem ser visitados em Oliveira dos Campinhos e boa parte nas mãos de colecionadores, amigos, admiradores de sua obra e entusiastas que foram adquirindo através dos anos algumas dezenas de seu vasto repertório de paletas de cores, riscos, formas e figuras.

Certamente a influência e referência de pintura de Di Araújo na região foi muita e deveras pela sensibilidade da pessoa atrás da tela, na figura daquele que conduzia através do pincel as delicadezas e os matizes da relação arte e vida, realçando as cores das raças, o perfume dos cantos e encontros da brasilidade mestiça e dos lugares ímpares que só a região do Recôncavo possui.

Nesta época da exposição me informou ainda que, a modos da doença, começara a deixar um pouco a sua profissão e esmero, no qual se dedicou anos e anos a fio, neste universo das artes tão sublime e delicada e ao mesmo tempo tão forte, voraz e eterna ao qual esta linguagem artística das artes visuais na sua disciplina da pintura é, e

procurou se resguardar e ficar mais tempo em sua casa, no atelier na praia de Cabuçú, e suas vindas à cidade se tornam cada vez mais escassas e carentes de envolvimento entre seus conhecidos,

No entorno de se buscar uma retrospectiva de sua obra, percebemos a vivacidade do período em que viveu, e entre seus personagens, tudo isso resguardado em seu construto pictórico, fixados em óleos, acrílicas e tintas frescas. Ficou ao tempo e serve agora de resguardo, em seus registros de pinturas, em seus quadros e telas, a dinâmica das relações: artístico, político e científico de uma época, e que perfazem a história de um lugar e de um período histórico configurado pela pureza das relações e das vivências.

Fica-nos a lição e o respeito, o envolvimento pessoal a que se embrenhou e o amor pelas pessoas e pela escola das artes que escolheu e foi escolhido pondo definitivamente Raimundo Di Araújo a sua alma do pintor à prova.

Causo da centenária casa de farinha do finado Juca



Vista da casa de farinha na fazenda Cadete, Cruz das Almas – BA.

A lembrança mais profunda da casa de farinha que possuo é de quando menino, criança fui levado a conhecer minha avó Dona Rosa Isabel. Já viúva àquela época, vivia saudosa das implicações de seu primeiro e único esposo, o Sr. Juca, homem conhecido por sua braveza e rusticidade.

Nos idos de 1978 a fazenda Cadete na zona rural de Cruz das Almas ainda não possuía rede elétrica e a fonte de energia era movida principalmente por candeeiros de querosene, diesel e outros óleos, velas e o fogão a lenha da cozinha antiga era mantido em brasa, dia e noite, ininterruptamente.

Na construção vizinha, algo a trezentos metros da larga casa de muitos quartos onde dormia, surgia entre florações e mata diversa, a temida casa de farinha de seu Juca, que de quando em vez cismava de algo ia dormir na barriga do cocho de farinha, espécie de canoa ou vasilha cavado e feita de um tronco só de árvore bem grosso, acho que ipê ou cedro, para lavar a mandioca e fazer a farinha. De certo esta construção revelava sua importância, que ora por vezes instigava por sua rusticidade e prolongamento da casa em exaltar o trabalho e urgências diárias de alimentação.

Gravado em suas reminiscências de sonho e alusão ao imaginário do canto de trabalho, a casa de farinha guarda e opera no que é mais tenro e exato em aproximação ao uso da terra como célula mater mais profunda no contato com parentes próximos e sua vizinhança de entorno, suas raízes alquímicas do ser e da natureza toda, envolvida desde a plantação, cultivo, fabricação e uso, pois dali saiam e sai farinhas, beijus, gomas e outras delicias.

Conto-lhes uma vez em que pela falta de energia nas baterias de carro 12 volts que alimentava a antiga TV oito polegadas preto e branco, ia até á casa mais próxima dali, a de meu tio Francisco, cerca de quinhentos metros, para assistir televisão e ficar de ouvir prosas e causos dos mais velhos junto a meus outros primos que se juntavam toda noite ao redor daquele objeto de luz, imagens e sons.

Disto, o que mais temíamos era o medo de acordar o finado Juca no tronco do côcho, pois a casa de farinha era a única passagem possível e obrigatória para quem ia até a residência vizinha, e ali passávamos quietos e temidos, de estilingues em punho, e com os ouvidos atentos e apreensivos, com o coração a tino e de total providencia a algo suspeito.

Desafio feito e proposto, numa certa noite, pela falta de energia nos candeeiros e ou por fim das transmissões da novela da época, logo após de me despedir de todos, meus primos, primos de primos e achegados logo se prontificaram a me acompanhar ate a temido casa de farinha, ficando certo que ao se aproximar dela ‘era hora de dar tchau’ e ai era cada um pra seu lado. O fato é que chegando a casa de farinha, numa daquelas noites totalmente escuras, ouve-se um barulho estranho saindo de trás da casa de farinha que era algo diferente do cotidiano, nesse ínterim foi-se dado o alerta e ai sumiram-se todos, foi sandália perdida, badogues ao chão e nem sombra de nossos tão bravos companheiros. Crianças fugindo de algo interior, que era nosso mesmo, que se prestava ali em frente a provar e reconhecer nossos medos e alimentar nossa bravura e fortaleza, espécie de prova viril e futurística em manancial beleza a fortalecer nossos egos, emoções e voracidade, afinal ser neto de Juca continua a ser sinônimo de endeusamento e virilidade.

E era bonito voltar sempre ali. Todo ano com meus pais aguardava ansiosamente o retorno àquele lugar mágico, repleto de pássaros, com cheiro de fumo e árvores grandiosas. Favorecia eu me perder em sonho neste lugar ora

desprovido das riquezas passageiras da vida na cidade e que pra um menino em desenvolvimento havia total necessidade de estar sempre presente em contato direto com os antepassados, a respirar as úmidas paisagens e vislumbres das estações da primavera e verão, o passear dos casulos e borboletas ainda em gestação de larvas e lagartas, o olhar brilhante e lúdico dos vaga-lumes alumando toda a madrugada, o grilos em vigio toda as noite embalando sonos e resguardo de paz conversando com entes próximos, sapos no terreiro pela manha e guias de cantos diversos a se perder entre a mata densa. O barulho e brilho dos olhos dos micos na selva, pulando entre galhos e arbustos, emoldurando vidas e trazendo curiosidade pra mim, de onde vinham todos eles? Do sonho menino, do eterno sonho.

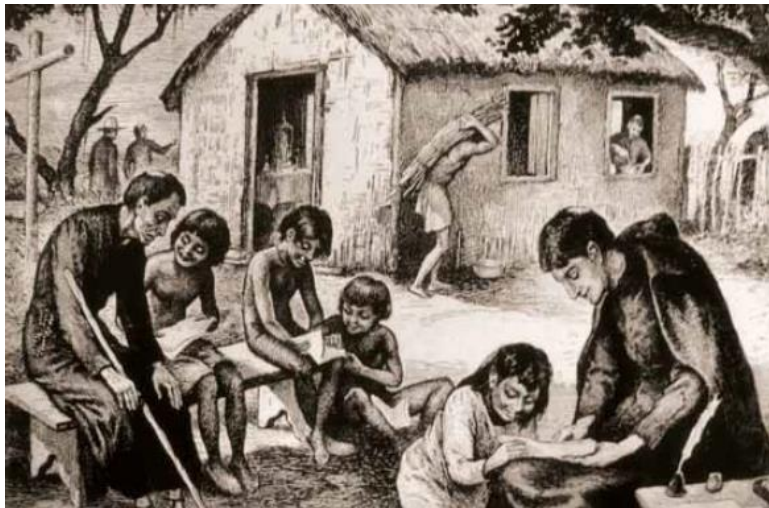
Assim se figurou por muito tempo, até minha mocidade se unir e acabar por me tornar parte da paisagem onde hoje sou e empresto este registro. Mudanças muitas houve desde então, as estações ficaram longas, as chuvas e estiagens entraram em mistura com as suas necessidades, os ventos continuam frios densos e as derivas das arvores servem ainda para esconder os animais em refugio das perversidades do homem que afugentam eles dos limites da cidade. E ora aqui

fico pensando como é difícil pra eles estar sempre nessa condição de sair e sair a encontrar abrigo e proteção. Escrevo aqui e logo percebo o caminhar das formigas trabalhadoras do inverno, a captar folhas verdes em suas ocas guardando seu uso-fruto e alimento pra períodos chuvosos e é como o escritor que instaura, redime e condensa as qualidades e registros da vida na folha de papel a espera de alguém que as liberte e retome a poesia do momento, e em que possa refletir a beleza dos segundos, a sutileza dos encontros, a sagacidade da natureza e a esperteza de Deus em patrocinar tudo isto.

Adiante nos meus sonhos retorno sempre a este lugar, preenhe de lucidez e totalmente argüido em se perceber as mudanças e valorização do meu lugar físico e participe da veracidade a que fui designado e estou condensado. Meus membros o direcionam e meus desejos são o seu.

Histórias

A primeira professora de Santo Amaro



Representação de ensino de ordem católica dos Jesuítas. Autor desconhecido.

A profissão de professor sempre foi um misto entre doçura e sofrimento, o educador pedagogo sempre foi tido e visualizado como um salvador e um agente responsável pela educação de um povo. E no Recôncavo não o foi diferente, desde as primeiras incursões e formas de se condicionar pessoas ao seu ventre em períodos distintos e presentes ao seu tempo. Vejamos o exemplo dos primeiros colonizadores ao redor dos engenhos de açúcar onde diversas formas de se educar para o trabalho nas moendas e plantações, muitas vezes se pautando em praticas de sociabilização deveras imprópria, negando e às vezes até proibindo cultos e serviços de ligação religiosa e de conduta educativas como nos casos dos negros e indígenas escravos num tempo colonial a que esteve submetida as vilas e paróquias do Recôncavo e em cidades em desenvolvimento e que a matriz da educação se dava ainda de forma tímida e descontinuada.

Num tempo cerceado pelos senhores de engenho, seu filhos mais nobres, os que vinham visitar seus parentes e patrimônios da sociedade do açúcar nos engenhos da hinterlândia da Baía de Todos os Santos e os que nascidos oriundos da sociedade do açúcar, dos que viviam aqui, filhos dos barões, nobres, condes, viscondes, governadores,

condessas e outros estadistas, eram postos a estudar fora, geralmente em Lisboa ou Coimbra, o que fez da construção da fusão de raças, de herança portuguesa e africana principalmente, no Recôncavo um exemplo único e diverso de toda parte do mundo com nuances de patriotismo diferenciado e culto, com as inserções de estudos e mistura de culturas impares que se mesclaram em formas que se enaltecem e se promulgam verdadeiras e deveras importantes na cultura atual, que vão de despojos das artes atuais na música, literatura, no teatro, nas artes visuais e assim por diante.

No entanto, muito se perdeu nas entranhas da história, muitos documentos foram parar em arquivos da Europa e por falta de equipamento e cultura local em se preservar e favorecer os estudos e aprimoramentos a partir das cidades recém inauguradas no Recôncavo, como Santo Amaro, Cachoeira, São Francisco do Conde, Candeias, São Sebastião do Passe e outras mais. Cidades-símbolo de desenvolvimento e anúncio do Novo Mundo, onde em que muitas delas foi decisiva para o crescimento da capital São Salvador da Bahia.

As escolas deste período eram lecionadas por párocos e vigários, muitos deles derivados dos Jesuítas e da Companhia

de Jesus que esteve ligado ao Engenho do Conde de Linhares, numa vertente de trocas entre sabedoria, ensinamento e trabalho, vinculados ao serviço católico, seja ele na área de produção seja no trabalho dentro das igrejas coloniais em ordenanças derivadas das paróquias, e o acesso a estes professores era feita de forma sob demandas de enfrentamento contra o analfabetismo e de recursos poucos e escassos, muitas vezes praticados por homens. As poucas mulheres pedagogas começam a surgir com as freiras dos conventos, como no caso do Convento dos Humildes em Santo Amaro, hoje o Museu de Arte Sacra dos Humildes, referência internacional, e que passavam a cuidar dos filhos de escravos abandonados e sem recurso numa espécie de creche primitiva.

O trabalho das mulheres professoras no Recôncavo foi frente à seu tempo e os tinha sob responsabilidade do clero e das governanças locais sob os auspícios dos senhores de engenho que não queriam seus escravos recém libertos estudiosos e freqüentadores de escolas e sim no trabalho braçal dos engenhos de açúcar, no serviço do porto e nas plantações de especiarias e alimentos. Desta forma foi-se cultuando e verificou-se a necessidade de instaurar a figura

da mulher educadora como uma profissional do campo da investigação social e adendos de ensino, pois era considerada mais atenta e cuidadosa dos serviços da igreja em sua forma mais plural.

Fato esse é registro de um livro raríssimo do educador e historiador Pedro Tomas Pedreira, Santo Amaro histórico e geográfico, lançado pela editora do Senado Federal em 1977, quando se da notícia do promulgamento para o serviço de educador e professor a primeira mulher a desempenhar esta função, até então exercida por homens.

E assim consta:

“Em 19 de dezembro de 1832 foi nomeada a primeira Professora Pública do Município, nomeação essa feita pelo Conselho Geral da Província, para a cadeira de Primeiras Letras de meninas; Rita Fabiane Villas Boas que, em sessão do mesmo Conselho Geral de 21/8/1834 recebia uma ajuda de custo de 60\$000 réis para aluguel de casa, Neste mesmo ano, a Câmara de Santo Amaro solicitava, ao

Conselho Geral, a criação das cadeiras de Filosofia, Retórica e Francês”.

Por muito tempo além depois, esse fato foi promulgado como um importante ensejo em direcionamento ao desenvolvimento social e filantrópico do município e serviu no dinamismo da Coroa em se autoproclamar um adendo possível entre as demais, sejam distritos administrativos, vilas e ou paróquias do entorno, o que o fez em vias de se observar as necessidades locais e do novo crescimento populacional da já então cidade de Santo Amaro no Recôncavo, posto a isto ser um defensor legal dos ensejos e direcionamentos civis da população e das almas em expansão.

O trabalho do professorado em épocas pós-coloniais se empenha em alguns graus e diferenciações aos empregados pelos missionários jesuítas, a citar os mais insurgentes e congruentes, como a criação por parte do Governo das aulas régias, pelo então Marquês de Pombal a partir de 1759, que logo foi resumida e apelidada de método pombalino, isto é, as aulas eram ministradas por professores nomeados pelo governo, onde esses professores que aqui desembarcaram no

Recôncavo eram recém chegados ao Brasil e que ficavam à disposição do clero local e eram distintos em grau de parentesco, visibilidade dentro da Coroa Brasileira portuguesa e principalmente do grau obtido de instrução dentro do magistério.

Aos trabalhos relacionados ao ministério das aulas no período colonial sob a gerência da Coroa e direcionados às mulheres e moças, sua educação eram iniciadas com devolutas de apropriação a técnicas do e no lar, voltada especificamente para as atividades domésticas. Somente mais tarde, com o grau de desenvolvimento dos estudos já em meados do século XIX, é que a participação feminina iniciou-se, timidamente, pois os colégios destinados a mulheres eram particulares, dessa maneira somente as meninas de origem abastada tinham acesso o que foi se alterando com a criação, vínculo e destinação de Conventos como salas de aulas, com a inserção de disciplinas outras do campo sócio educativo, e de maneira singela, aos de áreas como agricultura, pesca, teologia, trabalhos nas paróquias, pequenos afazeres e de métodos e práticas industriais.

Ao longo dos anos desde então a criação da vaga de professora no município, mesmo que a principio em pequena

ajuda monetário e que servia originalmente para pagamento de aluguel de residência, fez-se de alitere para se marcar o campo de atuação e devires de prática pedagógica exercida pelo olhar feminino, onde se rebuscam novas averiguações e entusiasmos referentes ao fortalecimento da vida em sociedade e que serve de base para pensarmos ainda hoje o restauro de direcionamentos e de novas contribuições ao campo do ensino e sociabilidade.

Cidades-museus do Recôncavo



Ruínas da Escola Agrícola de São Bento das Lajes. São Francisco do Conde, Bahia.

Em 2018, em um incêndio de marcas gigantescas, o Museu Nacional um dos maiores museus de história natural e antropologia das Américas, foi alvo de uma perda incrível de peças históricas e deixou novamente latente a preocupação em se preservar a memória e a cultura dos povos. Localizado no interior do parque da Quinta da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, estando instalado no Palácio de São Cristóvão. O palácio serviu de residência à família real portuguesa de 1808 até 1821, depois abrigou a família imperial brasileira de 1822 até 1889 e ceceou a primeira Assembléia Constituinte Republicana de 1889 a 1891, antes de ser destinado ao uso do museu, em 1892.

O edifício é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1938. Fundado por Dom João VI em seis de junho de 1818 sob a denominação de Museu Real, reunia dentre outras coleções, a de mineralogia e zoologia e uma extensa área da historiografia da sociedade dos engenhos coloniais do recôncavo. O Museu Nacional abrigava um vasto acervo com mais de 20 milhões de itens, englobando alguns dos mais relevantes registros da memória brasileira no campo das ciências naturais e antropológicas, bem como amplos e

diversificados conjuntos de itens provenientes de diversas regiões do planeta, ou produzidos por povos e civilizações antigas. Formado ao longo de mais de dois séculos por meio de coletas, escavações, permutas, aquisições e doações, o acervo era subdividido em coleções de geologia, paleontologia, botânica, zoologia, antropologia e botânica, incluindo-se neste núcleo os remanescentes do esqueleto de 'Luzia', o mais antigo fóssil humano das Américas. A criação do museu visava atender aos interesses de promoção do progresso socioeconômico do país através da difusão da educação, da cultura e da ciência. Ainda no século XIX, notabilizou-se como o mais importante museu do seu gênero na América do Sul. Foi incorporada à Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1946. No entanto pegou fogo e perdemos muito.

No alarde de se ficar impossibilitado em tantas peças e historia evaporarem em questão de minutos, fico a pensar no valor em que algumas construções, monumentos, casarões de engenho e arquiteturas diversas, na historia oral, e na própria dinâmica das cidades do recôncavo baiano onde se muito tem e que todos sabemos disso e que a séculos, anos e a cada dia vai se desaparecendo aos escombros, num soterramento

cultural imposto pela ignorância e falta de apoio e investimento, seja no campo governamental seja no campo privado.

As semelhanças com um luto constante é que mais se aproxima ao fato em questão. Cidades-museus do Recôncavo baiano, séculos de história pré e pós-colonial, patrimônio material e imaterial da humanidade, arte e cultura se perdendo no tempo se maneira como resguardo, sem apoio, sem recurso, sem verba, sem atenção devida, num incêndio calamitoso de almas ainda sãs. E pior, muito do seu/nosso patrimônio material como: objetos, utensílios, papéis, documentos, jóias, artefatos, porcelanas, móveis, prataria, etc. foram saqueados, incorporados, levados para lugares distantes de seu povo, em vez de serem recuperados e deixados aqui mesmo, foram tomados de posse em surdina e falta de respeito com sua gente e povo origem, para serem 'resguardados', 'restaurados', 'incorporados', em museus e em tráficos internacionais de objetos de arte e de colecionadores, de arte sacra principalmente. O caso do Museu Nacional do Rio é só um exemplo. Resultado? Perdemos todos.

Heranças patrimoniais é uma espécie de resguardo das tradições e se assentam justamente na memória inclusiva e notadamente afetiva do local, em virtude de ascender as raízes de forma mais una e precisa, onde as lembranças e interesses da vida seguem de forma mais parcimoniosa, cautelosa e apropriadamente embuida. Lembro dos casarões e ruínas de engenhos de açúcar no Recôncavo como um desaguar de lágrimas, de onde se provém seus escombros se ata à indulgência e perecibilidade dos tempos. Viver entre cidades museus do Recôncavo é estar ligado de forma mais una e próxima dos antepassados de um tempo próximo e para quem vive na Bahia isto se faz coerente e primordial. Certamente os diversos imóveis em desuso e em total abandono abarcam uma série de desencontros com suas faltas de usos e de recursos, onde é mais fácil e barato abandonar de vez, ou mesmo recuperar, pois carecem de atenção devida e muitos deles por serem públicos e estarem a vários anos e até séculos esquecidos não possuem vias de lograrem em torno de utilidade pública, seja pelas vias de acesso a que estão esquecidos, sejam pela forma política a que são olhados e zelados.

Viver e presenciar isso entre essas localidades é constar de certa forma impossibilitado diante tanta história e representatividade social. Cidades como Cachoeira, São Francisco do Conde, São Francisco do Paraguaçu, São Sebastião do Passe, Santo Amaro da Purificação, Maragojipe, Jaquaripe, São Felix, Saubara, Mutuípe, Amargosa, Salinas das Margaridas, Valença, Nazaré das Farinhas, povoados da hinterlândia da baía de Todos os Santos, uma infinidade de distritos e toda a área do Recôncavo é um verdadeiro museu a céu aberto, com ruínas de igrejas e sítios históricos coloniais, alguns deles desafiam o tempo com suas construções imponentes e de fortalezas, e insistem em seguir diante qualquer intervenção.

Em todas essas localidades segue um desejo verossímil, principalmente da população local, de devolver uso e reuso a esses patrimônios nacional das artes e da humanidade, muito embora se tem feito muito nos departamentos de história das universidades, centros de pesquisa e estudos e faculdades que a cercam, com diversos aprofundamentos e colegiados de manuseio de documentos e outros que visam perpetuar, pelo menos a herança de papéis, mas que de maneira ousada e perspicaz intenta seu preservar

e adiantar recursos para que em algum futuro próximo talvez, possam ser um dia definitivamente re-valorizados e re-aproveitados de forma física eficaz.

Certamente o desenvolvimento das cidades é definido em vias de interesse econômico e político, onde as heranças são abandonadas em desejos vindouros, sejam de aliança cultural ou volutas de trocas simbólicas com o estado das nações. Percebe-se na área do Recôncavo este abandono que foi sendo certo ao longo dos anos justamente pelo apelo colonial em se buscar riquezas num Brasil ainda em formação e que, ligado à Coroa Portuguesa, fora os piratas europeus, que procuravam ouro, especiarias diversas, animais, botânica, madeira e outros minerais que servissem de moeda de troca, logo abandonado pelo decréscimo do valor do açúcar em nossa região o que acabou com a sociedade dos engenhos de açúcar no Brasil e notadamente no Recôncavo, resultando em desapego das vilas e das cidades em formação com seus repasses, divisões, vendas de terras, e descuido geral do patrimônio.

Ainda carece muito o resgate imagético dessas cidades-museu do/no Recôncavo por parte do governo e que

infelizmente da sociedade civil não tem uma resistência maior à valoração e resguardo de bens em comunidade.

Prédio da Academia de Letras de Santo Amaro



Vista frontal do prédio da Academia de Letras de Santo Amaro, anos 80.

Desde menino brincava na Praça da Purificação e sempre me deparava com a beleza da arquitetura dos prédios, edifícios e casarões antigos que nela havia num tempo nem tão longe assim. E era maravilhoso o brincar com a robustez do encantamento desses altares de cultura, que vigiavam solenes as tardes de passeio e de festas aos domingos num contemplo admirável junto às meninas e amizades pela praça.

Destes prédios, um dos mais belos e que chamava a atenção pelos seus ornamentos e obras de arte adentro dela era, o Prédio localizado bem junto a um dos beco do patriotismo, pequena rua que obteve esse nome ao longo dos anos por residirem ali oficiais de guerra que lutaram no Paraguai e que serviam de referência à minha mocidade.

Do outro lado da praça se avistava já na portaria a rabiscada e de uma verdadeira obra prima, um escada feita em madeira nobre que dava acesso ao piso superior com suas janelas longas e compridas em formato de portas, ao qual se via de frente à referida praça, num casamento consubstancioso em harmonia e sofisticação. Seus gradis eram de extrema e laborioso trabalho de ferreiro, com entornos, curvas e adereços feitos especialmente pra o

prédio. Lembranças são boas para se mostrar de como se deve dar exemplo e importância aos antepassados e a memória viva, onde se perscruta em tempos vindouros.

Hoje encontro o prédio em total estado e deplorável de abandono e solidão. As diversas obras de arte, como peças de arte sacra, pinturas a óleo, móveis e objetos, castiçais, vidraçarias e outros, foram perdidos, roubadas, esquecidas, abandonadas no local e o que sobrou do prédio é um fator de vergonha e desrespeito.

Muito se tem falado sobre isto, sobre a perda de memória através do patrimônio histórico e o pouco que se tem feito não resulta muita coisa, apenas joga pra frente alguma decisão que seja eficaz e definitivamente vantajoso para a cultura nacional, pois se trata da fisionomia e da história da humanidade a partir de sua arquitetura no Recôncavo de um período pós-colonial.

Assim, revoltoso com essa situação, fiz um poema que repercutiu muitíssimo na cidade em 2016 devido às redes sociais que reverberaram a notícia da ação. Colei o poema e fiz uma pequena pichação no tablado em madeirite que isolava o prédio dos passantes com a palavra 'Vergonha' e acabou por chamar a atenção das pessoas, das faculdades e da

universidade local e grupos de estudantes que, unidos fizemos uma ação-performance, para restauro re-valorização do espaço, juntamente com a Academia de Letras de Santo Amaro ao qual o prédio está associado. Nesse movimento também se fez presente a artista multimídia Roberta Carvalho com quem dividi o ato e ilustra o desempenho do poema. E assim recitei:

-É a nossa palavra em jogo-

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro vier ao chão, estarei
rarefeito, indignado e revoltoso criando
entre as últimas palavras altivas, um
epitáfio em comum

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...

A palavra reduzida a pó vagará por becos,
ruas, quarteirões, territórios, alcançando
todo o Planeta

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

Cataremos em seus entulhos o grande fardo
histórico de nossos ancestrais, seus
pergaminhos, tinteiros e bicos de pena

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

Reduzido ao silêncio, silenciará todas as
letras, findará todas as palavras

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

A Palavra não terá rima alguma, as cartas de
amor, os e-mails de paixão, as mensagens
de carinho, não surtirá efeito algum,
ficaremos resumidos à nossa própria
inutilização.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

A memória dos escritores vagará cio afora,
acordando ancestrais, revolvendo caixões,
lápides, túmulos.

Quando o casario da Academia de Letras de

Santo Amaro cair...

O éter dos antigos alambiques e usinas
acordará as almas infortúneas dos bêbados
e drogados que urinaram em seu
patrimônio em época de festas na praça.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...

Na fome de comedores de hot-dog,
acordaremos atônitos como cachorros
drogados em becos escuros ao som do
estopim de seu desabamento.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...

Dormiremos na forma dos que usaram seu
passeio durante muito tempo de forma
desorgânica, fechando e envergonhando
ainda mais a praça querida com os restantes
e dos analfabetos governantes que
ajudaram este feitio.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair... Afugentaremos e
enterraremos ainda mais nossa história para

o depósito da terra do já foi, ficaremos cego
de um olho, pirata ao léu, caolho caduco.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...Retiraremos o ponto
final das letras, sobrando o abismo, o fundo
seco do poço, a lástima do vazio, o espírito
final das letras será o abandono.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...Seremos ainda mais
velhos de nossa burrice, como museus ôcos,
prenhos do nada, perdidos no mangue,
enquanto caranguejos andarão sobre os
vestígios.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...As letras dos velhos
mestres, escritores, que as tornaram rígidas,
de pé, não agüentarão mais, de que caindo
no esquecimento etéreo de que esta cidade
esta condenada, será mais proveitosa.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...Vingará seus
verdadeiros pó-líticos, que se aproveitam da

palavra e seu discurso somente em época
de eleições, enganando analfabetos e
desviando a educação.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...Vingará os falsos pó-
etas, cunhadores e aniquiladores de fim de
semana, por pose artística ou por modismo,
(poesia é outra coisa, ou coisa nenhuma
'mermão')

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...Vingará o pó
esfarelado do cimento antigo, dos óleos de
baleias assassinadas, ao trabalho escravo de
sua construção.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...A alma da poesia,
rarefeita, vingará sobre esta cidade,
manchando nossos lençóis, nossas vestes,
nossa comida.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...Baixaremos ainda
mais nossa cabeça, Nos envergonharemos

ainda mais de nós mesmos Pois, não fomos
leal nem benemérito deste evento futuro.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

Feitos bichos, feito ratos como mouses pós-
modernos, nos esconderemos de nossa
própria vergonha, de nosso próprio medo,
encarcerados em nossas letras sem moção.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

Sobrarão os vultos, e aparecerão os
contemporâneos, segurando em troncos e
paus suas paredes e janelas.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

Não sobrarão homenageados, não vingará
mais homens bons, homens das letras,
ficarão todos soterrados em sua penumbra
tísica.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

O livro será esquecido de vez,

desperdiçado... não ter mais razão, será
mendigo de seu próprio ego.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...

O amor será esquecido, esquisito,
esquizofrênico, pois não terá logos,
conjunção, agrado. A palavra truncada não
terá lógica alguma.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...

O respeito por quem ergueu este prédio e
este patrimônio da cultura no novo mundo,
de forma internacional correrá risco, e
certamente será alvo.

Quando o casario da Academia de Letras
de Santo Amaro cair...

O rabisco dos escritores perderá seu traço,
ficaremos robôs de nossa própria
negligencia, como computadores sem alma,
dês-lógicos, volveremos a poetas digitais,
descurados.

Quando o casario da Academia de Letras

de Santo Amaro cair...

Mataremos todos seus ilustres. Morrerá a
palavra, o caminho, o meio.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

A Praça da Purificação, conselheira, velha
sábua, amargará definitivamente uma outra
rota, outra derrota.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

A peste da não comunicação, comunicará
ninguém a lugar algum. Ficaremos
esquecidos, amaldiçoados.

Quando o casario da Academia de Letras de
Santo Amaro cair...

Enchentes de lágrimas descerão como um
rio inundando em lama podre nossa própria
desgraça.

CAIU.

Santo Amaro. Segunda-feira, 04/04/2016, às
04h da manhã.

Desde então, de lá pra cá, se reacendeu a chama de
fazer o seu restauro definitivo, junto ao governo federal e ao
IPAC, incorporando por completo a Academia de Letras e
do Arquivo Público Municipal ao prédio, além de uma área
dedicada à literatura e de exposições passageiras e
itinerantes.

O fogo simbólico



“O primeiro passo para independência na Bahia” Óleo sobre tela do pintor Antônio Parreiras. 1928.

No princípio era o fogo, ou seja, os gentios, os habitantes da *villa*, ou mais ainda, as almas, como eram contadas as pessoas físicas que viviam nas recentes paróquias de um Brasil ainda sob olhares, manuseios e resquícios pós-coloniais de um Recôncavo subalterno à Coroa Portuguesa. Só algumas casinhas e uma estrada de terra que ligava à capital de São Salvador, a estrada do Pirajá, hoje a BR-324, em percurso dolorido em cavalos e carruagens com carregamentos de alimentos e outras especiarias. Em Pirajá, aos dois de Julho de 1823, o exército libertador chegou à capital, depois de colocar a tropa portuguesa para correr. Desde então o Fogo Simbólico, uma espécie de tocha acesa com fogo, que representa a vitória na Batalha de Pirajá vem todo ano ao monumento “Panteão de Pirajá”, em homenagem ao general Labatut por seu papel na conquista da batalha de Pirajá, que é trazido de Cachoeira, município onde teve início a luta pela Independência da Bahia no Recôncavo, em um revezamento por civis numa corrida em sentido aos municípios de Saubara, Santo Amaro da Purificação, São Francisco do Conde, Candeias e Simões Filho e finalmente a Salvador, mais precisamente ao bairro de Pirajá. Desde então a Bahia celebra a sua data cívica.

A Batalha de Pirajá, ocorrida em 1823, foi tão importante para a história da Independência do Brasil na Bahia, que foi imortalizada em poema por Castro Alves e em filmes séculos depois.

As cidades do interior tiveram papel fundamental neste contexto de lutas e mudanças políticas e o grande exemplo são os municípios de Cachoeira e Santo Amaro, sendo pioneiros no movimento emancipador do Brasil, sendo as vilas foco de lutas armadas contra os portugueses pela Independência do Brasil. Onde se deu o primeiro passo para a revolução. Sendo que no século XIX, que Cachoeira se projetou definitivamente no cenário da história política baiana e brasileira. Partiram daí os primeiros brados de revolta contra a opressão lusitana e surgiram mais tarde os batalhões patrióticos, liderados por figuras como a do Barão de Belém e Rodrigo Antônio Falcão Brandão, Joana Angélica, que tentou proteger soldados brasileiros contra a invasão do convento, Maria Quitéria de Jesus, a mulher-soldado, que se alistou para combater as tropas portuguesas, após conseguir uma farda do exército e lutou bravamente na linha de frente, quando era proibido ter mulher na artilharia e, o corneteiro Lopes, que fazia parte das tropas brasileiras e

recebeu ordens do comandante para dar o toque de recuar, mas teria se atrapalhado e tocado o sinal de ‘Cavalaria avançar e degolar’, e isso teriam feito os portugueses recuarem em uma das mais sangrentas batalhas da Independência e deixou centenas de mortos dos dois lados do campo de guerra. De um lado você tinha as tropas voluntárias lideradas pelo general Labatut, que foi enviado por D. Pedro I para comandar a luta pela Independência. Do outro, o general Madeira de Melo, que comandava os portugueses, sendo que a estratégia adotada pelos baianos foi bloquear as estradas e isolar Salvador para deixar os portugueses passando fome. Por isso, tanto Pirajá como a Ilha de Itaparica foram tomadas.

As comemorações pela Independência levam centenas de pessoas às ruas para celebrar com festa e diversas manifestações o dia em que se proclamou a “libertação de Portugal”. A 25 de junho de 1822, antecipando o Grito do Ipiranga, Cachoeira já proclamava o Príncipe D. Pedro I como Regente e estava lançada a semente, que frutificou em dois de julho de 1823, quando a Bahia definitivamente tornou-se livre do jugo português, consolidando a Independência do Brasil. A data comemora o 25 de Junho de

1822, quando Cachoeira e alguns Municípios vizinhos, iniciaram as lutas pela Independência da Bahia. Cachoeira, a Heróica, assim denominada pela lei nº 43, de 13 de Março de 1837, em virtude dos seus feitos, foi a Sede do Governo Provisório do Brasil durante a guerra da Independência em 1822 e, novamente, em 1837, quando ocorreu o levante da Sabinada.

Como forma de homenagear a luta de Cachoeira deste momento histórico é que, desde 2007, a cidade passa a ser simbolicamente capital da Bahia neste período, a luz da Lei 10.695, aprovada na Assembléia Legislativa da Bahia.

Na Bahia, a resistência contou com o apoio da Marinha e do Exército do país, mas pouco se fala sobre como os próprios cidadãos baianos se destacaram. Os negros foram incorporados às tropas brasileiras por ordem do general Labatut, que mais tarde foi criticado pela elite libertária. Onde tentava imprimir uma doutrina de libertar escravos para alistar e a elite não queria isso. Ele chega a ser preso por soldados baianos. Só depois ele vai ser incorporado e homenageado. Negros e caboclos lutaram ao lado das tropas brasileiras. A figura da “cabocla” que é um carro alegórico que sai de Santo Amaro e existe outro em Salvador, só vai ser

incluída nas comemorações anos depois. Ainda assim, não é suficiente para reconhecer o papel dos negros no processo.

O fogo simbólico desde então se foi interagindo da responsabilidade de um formato vivaz e tornou-se num evento que traduz as esperanças, ensejos, e de certo patriotismo nato de um povo, que unido por uma herança cultural muito forte e envoltos em guerras, trabalho árduo, mestiçagens e religiosidades, que se arrastam ao longo do tempo e de séculos, e que reforçam a vontade de se alcançar dias melhores, enfatizando os valores e processos em comunidade seguidos de uma dinâmica impar de igualdade.

Sua maneira de estar junto à sociedade foi-se construindo junto aos anos, em que se lembrava de forma triunfante e salutar o sucesso da batalha, e o ato de carregar a tocha em direção a seu salvador local de vitória, exige e requer de muita forma física e o faz a lembrar que esse fogo-nunca irá se extinguir ou apagar, sendo conduzido por civis e militares num trajeto envolto de festa e percussão cadenciada ao longo das estradas que ligam as cidades a partir do Recôncavo da cidade de Cachoeira.

O ensejo de se perscrutar e levar o fogo simbólico lembra os antigos gregos em épocas colossais, como o fogo

olímpico, o fogo grego da marinha bizantina, a tocha ou a chama olímpica, alias a este tópico lembra sim os antigos que a respeito dos primeiros Jogos Olímpicos em 776 A.C., onde a cada quatro anos, honravam a Zeus e a outras divindades. As competições marcaram um período de paz em meio às constantes guerras e a idéia do revezamento surgiu em referência ao mensageiro que percorria todas as cidades-estados da Grécia Antiga, para anunciar o início dos jogos e estabelecer uma trégua, durante a competição, dos conflitos existentes. Qualquer batalha em curso era paralisada com um mês de antecedência aos jogos até seu término. Motivo pelo qual a chama Olímpica representa a paz entre os povos.

Concomitante à cruzada do fogo simbólico em direção a capital do estado da Bahia, outras ações surgem em prestação de serviço de fator educacional, sócio cultural e de pequenas economias solidárias, principalmente em cidades por onde o 'fogo' passa, por onde se alitera a cada ano ordens de sociabilidade, cultura e política, além da beleza de se estar presente e visualizar esta ação-performance, e de um magistral orgulho e encantamento pelo reconhecimento da bravura dos nossos antepassados e que apropriadamente serve de referência aos novos construtos humanos.

Museu do Recolhimento dos Humildes



Conjunto arquitetônico do Museu de Arte Sacra do Recolhimento dos Humildes. Fundado em 1808.

Depois de muitos anos, acho que uns 20 e poucos, retorno a Santo Amaro em uma manhã clara de outono, com o céu limpo e revejo amigos de infância e como é bom retornar para casa, para o seio do afago familiar, onde é possível perceber ainda quieto e repouso o ar em suspensão de um tempo sem maldade e onde a pureza da juventude estaciona nos cantos da cidade um agradável respingo de poema mudo, sem palavras.

E assim o é o Beco dos Humildes em Santo Amaro da Purificação, lugar que parece ter sido parado no tempo, lugar de repouso e passagem de pombos e pardais felizes no cio e em desova constante. Esta ligação calçada que une a extensa Rua Direita à margem do rio Subaé, teria sido num passado longínquo e bem antes da construção do Convento e que hoje funciona o Museu de Arte Sacra dos Humildes, um afluente do rio Sergimirim e cruzava a Praça da Purificação em direção a seu deságua, isso talvez explique esse silêncio do lugar que das águas que outrora ali corriam, rugia e afugentava seixos e pedrinhas de areia em suas margens, hoje quietam hibernas, e dormem tranqüilas no subsolo da rua.

A esse cristalino silêncio carrego comigo desde que fui embora dali na época em que me formei no então convento anos atrás e sempre pensei em voltar. Então as dependências convento cresceram e tornou-se uma escola e a igreja ao qual faz parte seu casario com suas peças sacras, imagens, estátuas, pias, porcelanas, prataria, mármore, azulejos, madeiras entornadas nobres e mobiliárias foram catalogadas e logo surgiu o interesse de abrandá-las em um plano museológico capaz de resguardar seu acervo e de servir definitivamente para patrimônio da humanidade, tornando-se assim o Museu de Arte Sacra do Humildes.

Volto hoje como se nunca estivesse saído dali, como se as entranhas do lugar fossem partes de mim, como se fizessem corpo presente em meu sangue que anda em companhia constante e em trêmula afiliação a um destino em comum e que não sei onde vai dar. São percepções que agora as tenho e se diluem a câs passos dentro do museu, e tomam parte no caminhar por suas volutas escadas de madeira e se dirigem a suas pias batismais de mármore secular que enfeita os recantos e adornam o frio do lugar, cerceado de lápides no solo da ala principal da pequena igreja ao qual a memória

dos ancestrais descansam e hibernam um sono longínquo das províncias.

O conto segue a respeito do Museu do Recolhimento dos Humildes na noite de lançamento de seu catálogo de arte sacra, em 2019, que inesperadamente contou sem as obras do seu acervo à mostra, e se dá basicamente pela boa lembrança de quando fui aluno de seus guardiões e freqüentei por um bom tempo aqui a formação inicial da infância e o primário, onde poucos amigos a esta minha memória se lembra, mas era muito criança e as freiras eram as professoras e as meninas primeiras namoradas, companheiras das manhãs de sol no pátio da escola a fabricar sonhos raros e dourados, a fuçar livros velhos e desconhecidos dos párocos e vigários, a brincar na praçinha em frente quando dava o horário de ir embora e saia já aguardando o dia posterior.

O convento, que foi marco de uma devoção e fruto de trabalho de um padre por graças alcançadas e que posteriormente designado pra acolhimento social, foi fundado ainda século XVIII, mais precisamente em 1808, adiante em 1817 foi instaurado como um centro de educação feminino, sendo que o espaço foi criado para a principio

abrigar meninas órfãs, escravas, viúvas e filhas de senhores de engenho, meninas abastadas ou abandonadas, e mais ainda algumas deficientes. Ao centro de admissão dessas pessoas era administrado sob a guarda e manuseio do clérigo, onde essas mulheres aprendiam sobre o catolicismo e afazeres domésticos a citar: corte e costura e costumes de como se comportar.

Sua fachada do prédio histórico mantém a beleza robusta da época e que desde junho de 1980 o convento passou a abrigar o Museu do Recolhimento dos Humildes e o fez ser reconhecido bem de patrimônio cultural da humanidade e seu conjunto arquitetônico passou por algumas melhorias da estrutura física e resguardou-se a um plano museológico de caráter internacional.

Muitas obras de arte que hoje fazem parte do museu como as imagens sacras, ou outras delicadamente ornamentadas, foram confeccionadas pelas recolhidas do então centro de educação, e o artesanato produzido por elas, constituem a maior peculiaridade do acervo, no qual é composto também por outras peças de arte a exemplo de cristais, pratarias, mobiliário, porcelanas, paramentos, rendas e alfaias (objetos litúrgicos). Este conjunto de utensílios

forma um todo de peças raras, que são datadas do século XIX e foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1995.

Tenho certeza que a novas dinâmicas de vivências em coletividade trarão ao Museu, e ao conjunto dos Humildes, como um todo, novos ares de proteção e resguardo dando a este novos pertencimentos de uso e abuso de suas estruturas e relações com a comunidade, visto pela enormidade de seu valor cultural enraigado, seja pela estrutura do entorno das praças, vila de moradores, casas, escolas, convento, área interna, igreja, paço e museu, seja pelo forte apelo imaterial tenro em memória afetiva e de valoroso resquício humanístico exemplar onde aos dias do futuro se alça a busca da melhoria dos povos tendo no passado as matrizes mais perfeitas.

Venho hoje aqui como um visitante alheio e como um inédito passante me perco em suas linhas coloniais e gradis solenes. Lá fora a vida corrida pulsa e procura minha velhice entre ruas entupidas de carros, trânsitos e buzinas. Minha alma é só paz agora e repousa aqui dentro mim, de onde me perdi um dia e sem querer me achei.

Cruz das Almas cronologia histórica



'Cruzeiro em Cruz das Almas'. Pictográfico de Denilson C. Santana.

Cronologia Histórica de Cruz das Almas

1775 e 1799: Registro de 26 fazendas de fumo na área dos "campos da Cachoeira", que viria a ser a cidade de Cruz das Almas.

1815 - O Arraial de Cruz das Almas é elevado a Freguesia, por Alvará Régio do Império.

+1850: Principais engenhos da freguesia de Cruz das Almas

Séculos XVIII e XIX: Engenho de Genuíno, Engenho da Areia, Engenho da Prêsa e o Engenho da Lagoa Constavam-se ainda de engenhos menores, manuais e de bois. Entre os senhores de engenho da Freguesia de Cruz das Almas, o que possuía maior quantitativo de escravos e notoriedade política era o coronel Temístocles da Rocha Passos, pertencente da família Rocha Passos.

1877- Inauguração da Igreja Matriz

1881 - Inaugurada a Estação de Pombal

1897 – Cruz das Almas foi desmembrada do Município de São Félix e emancipa-se, sendo elevada à categoria de Vila. Foram realizadas as primeiras eleições municipais, sendo

eleito o primeiro Intendente Cônego Antonio da Silveira

Franca e os primeiros 07 Conselheiros.

1904 – Foi inaugurada a iluminação pública a gás.

1910 – Fundação da Sociedade Filarmônica Euterpe Cruzalmense.

1914 - Nasce a poetisa Jacintha Velloso Passos em 30 de novembro, na fazenda Campo Limpo.

1921 - A Lei Estadual nº 1537 confere a Cruz das Almas os foros de Cidade.

1922 - Fundação da Sociedade Filarmônica Lira Guarany, dia 15 de novembro.

1925 – Inauguração do prédio do Paço Municipal.

1931 - Fundação do Cruz das Almas Clube, com salões de festas e de jogos, praça de esportes, bar, etc.

1933 – Inauguração da Escola Comendador Themístocles.

1934 – Inauguração do fornecimento de energia elétrica da Usina de Bananeiras.

1935 - Inauguração da Fábrica de Charutos Suerdieck

1939 – Inauguração do Hospital Nossa Senhora do Bonsucesso da Santa Casa de Misericórdia.

1940 - Cerimônia de colocação da Pedra fundamental marca a construção da nova Escola Agrícola da Bahia na cidade de Cruz das Almas.

1943 – A Escola Agrícola da Bahia é transferida e instalada em sua nova sede, em Cruz das Almas.

1946 - Criação do Instituto Agrônomo do Leste – IAL, inaugurado em 1951 e que depois passou a ser o IPEAL.

1947 - Inauguração do Mercado Municipal, na Praça do Lavrador.

1948 – Inauguração do Ginásio Alberto Tôrres (atual CETEP).

1950 - Implantação dos campos da Agro Comercial Fumageira.

1950 - Instalação do Instituto Baiano do Fumo (IBF)

1952 – Criado, pela Portaria Ministerial nº 115 de 8 de abril, o Tiro-de-Guerra 06/004, tendo como primeiro instrutor o Sargento Napoleão Batista Lemos.

1953 - Fundação do Rotary Clube de Cruz das Almas.

1953 - Fundação do Grupo de Escoteiros General Edgar da Cruz Cordeiro.

1953 – Entregue ao público, erigida na atual Praça do Expedicionário, a estátua do Soldado Antônio Souza.

1955 – A Praça principal da cidade passa a ter uma só denominação de “Praça Senador Temístocles”, efetivando-se a supressão dos nomes de: Landulfo Medrado, 1º de Dezembro, Frederico Costa, Quintino Ferreira e Cônego Franca, de trechos da mesma praça.

1959 – Construção da “Pérgula”, na praça central da cidade. Bar de propriedade de José Florisvaldo Santana, à época.

1959 - Inauguração da agência do Banco do Brasil

1964 - Fundação do Lions Clube de Cruz das Almas.

1964 - O Prefeito Jorge Guerra renuncia ao mandato.

1967 - A Escola Agrônômica da Bahia é novamente federalizada, através de decreto presidencial que a incorpora ao patrimônio da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e passa a chamar-se Escola de Agronomia da UFBA.

1967 - Criação da Guarda Municipal, através da Lei Municipal nº 257 de 09 de Novembro.

1971 – Ficam instituídos o Brasão de Armas, a Bandeira e o Sinete do Município, que foram criados pelo heraldista baiano Irmão Paulo Larchemayer, o Beneditino.

1972 - Sistema de abastecimento de água da cidade.

1974 – Instituído o Hino a Cruz das Almas, com letra de Floriano Araújo Mendonça e música do maestro Eduardo Vieira de Melo.

1975 – Instituído oficialmente o Centro Nacional de Mandioca e Fruticultura da Embrapa (atual Embrapa Mandioca e Fruticultura) cuja unidade foi inaugurada no ano seguinte, em Cruz das Almas.

1976 – Inauguração da Biblioteca Pública Municipal Carmelito Barbosa Alves.

1976 – Reforma do Paço Municipal.

1986 - Inauguração do Fórum Dr. Tancredo de Almeida Neves

1986 – Criação da Fundação Cultural Galeno d'Avelírio.

1987 – Inauguração da Casa da Cultura Galeno d'Avelírio, sede da Fundação Cultural Galeno D'Avelírio, no antigo prédio da Cadeia Pública.

1987 - Fundação da Associação Pestalozzi de Cruz das Almas, que passou a funcionar no ano seguinte.

1988 – Inauguração do Estádio Municipal de Cruz das Almas, o “Barbosão”.

1989 - Realização da primeira edição do “Arraiá do Laranjá”, no Parque Sumaúma.

1997 - Inauguração da TV Recon - Canal 25

2000 - A maior produtora de charutos e cigarrilhas do Brasil, a Suerdieck, instalada na Bahia havia 106 anos, fecha sua última unidade, na cidade de Cruz das Almas.

2005 - A Lei nº 11.151 cria a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) com uma estrutura multicampi, com sede e foro na cidade de Cruz das Almas, e unidades instaladas nos municípios de Santo Antônio de Jesus, Amargosa e Cachoeira.

2006 - Inauguração da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, com a presença do Presidente Lula, dia 21 de março.

2009 – Inauguração da Praça Dr. Ramiro Eloy Passos, a Praça Multiuso.

2012 - Inauguração do Parque Florestal Mata de Cazuzinha, idealizado ainda na década de 60, na gestão do então prefeito Lauro Passos, mas realizado e inaugurado pelo prefeito Orlando Peixoto Pereira Filho.

2015 - O Prefeito Raimundo Jean Cavalcante Silva (PMDB) renuncia ao mandato. Ednaldo Ribeiro, que era seu vice, passa então a ser o prefeito.

2017 - Reabertura do Hospital Nossa Senhora do Bonsucesso da Santa Casa de Misericórdia, na gestão do prefeito Orlandinho Pereira, que foi eleito pela terceira vez em 2016.

2018 - Instalação da Diocese de Cruz das Almas e a posse de seu primeiro bispo diocesano, Dom Antonio Tourinho Neto.

2020. Falecimento do Monsenhor José de Souza Neiva, Pároco Emérito de Cruz das Almas, aos 103 anos de idade.

História do Livro “A Rainha do Recôncavo”



Capa do Livro “A Rainha do Recôncavo, História do Engenho do Conde”, em sua primeira edição de 2006.

Essa é uma outra história, ou melhor, uma história da história, ou de como se deu o processo de construção e criação do livro “A Rainha do Recôncavo. História do Engenho do Conde”.

O início de tudo é sempre a infância, a inocência e a curiosidade. Sempre me permiti a estar nesse convívio, e me indagava toda vez que alguma pessoa de nova fisionomia chegava até a mim, pois eu tinha como referência de humanidade apenas parentes próximos, e quando chegava um desconhecido ficava a indagar: de onde vem todo mundo, e as pessoas novas nas ruas? De onde são estes breves rostos aparecidos momentaneamente? De fato a inquirir tal indagação me sobreveio logo a pergunta, pois toda criança sempre faz a sua mãe em busca de uma resposta eficiente, e ela logo respondeu: você precisa estudar, e é na história que se tem essa resposta. E isso ficou me caducando por um bom tempo e se tornava mais perspicaz em épocas de festejos quando íamos à praça da Matriz comemorar as datas dos santos, juninos e ano novo, de onde mais e mais pessoas, ilustres desconhecidos, se me apresentavam, talvez com o olhar mais inquietante e recíproco como o meu, a indagar: de onde vem toda a população e que não para de crescer? Então

creci e fui buscar nos mais velhos uma referêcia de aprendizado e resposta, pelo menos passageira.

A primeira influência talvez tenha sido a educadora e professora Zilda Paim, que muito embora não tenha tido um curso superior em história e nunca tenha sido aluno oficial dela, era uma das poucas pessoas na cidade que pesquisava e publicava sobre o tema e que me serviu para amenizar tal curiosidade, e por ver meu interesse pela questão, fez questão de me presentear um livro raríssimo do historiador e estadista Pedro Tomás Pedreira, editado pelo Senado Federal em 1977 com o título: Santo Amaro Histórico e Geográfico. Dádiva do destino ou não, guardei este livro como ouro, o que mais tarde serviu e serve de base profunda no estudo da história do Recôncavo ao qual menciona o Engenho do Conde de Linhares como a matriz primeira da civilização nestas terras. Mas faltava quem dizer isto e nas escolas nunca havia ouvido.

Desta feita, permaneci nos estudos e pesquisas e fui procurar ajuda para escrever um livro sobre tal. Fatidicamente me matriculei no curso de Licenciatura em História na Universidade Estadual de Feira de Santana que a princípio não respondia as minhas dúvidas em relação à

história local, faltavam documentos e livros a respeito, o que fez eu me alongar no curso que era de quatro anos para onze anos em curso, muito também devido à falta de professores especializados na área, sobrando tempo para as pesquisas fora do centro universitário, onde fui buscar apoio em outras instituições e com o auxílio do Núcleo de Estudos da Contemporaneidade ligado ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, que era formado por um grupo de professores, me ofereceu uma sala com computador e internet para desenvolver o projeto do Engenho do Conde em um dado momento que a tecnologia começava a ser instalado na região, isto na virada dos anos noventa para os anos dois mil, não recebia nada como pesquisador, mas adiantava muito o projeto.

Daí, com o desenvolvimento do mesmo, obtive a oportunidade de ir até a cidade de Ilhéus, numa reunião de professores universitários e estar com o Sr. Stuart B. Schwartz, historiador e professor americano da Universidade de Yale e presidente do Conselho de Estudos Latino-Americanos e Ibéricos e escritor de inúmeras obras, dentre elas 'Segredos internos', livro de suma importância por retratar a sociedade do açúcar, e que sabendo do meu projeto

me presenteou e autorizou a usar um mapa do século XVI na elaboração do meu livro sobre o Engenho do Conde.

Em 2006, na cidade baiana de Vitória da Conquista, foi lançado oficialmente em um Encontro da ANPUH, a Associação Nacional de Professores Universitário em História, parte dos estudos resumido em formato de livreto com o título de: “A Rainha do Recôncavo, História do Engenho do Conde”, em evento concorrido e aplaudido, ao qual teve sua primeira edição com 200 cópias iniciais, um presente da então Reitora da Universidade Estadual de Feira de Santana, a Sra. Anaci Bispo, um presente pelo estudo desenvolvido e no qual sai vendendo, trocando por agradados, doando em bibliotecas e ou distribuindo de forma orgânica, chegando até à biblioteca da Universidade de Brasília em 2008.

De volta à Bahia e a residir em Santo Amaro, montei um projeto social para despoluir o rio Subaé, principal meio de desenvolvimento marítimo da região e berço dos manguezais e do massapé, e que serviu de cais para o Engenho durante séculos, vindo este a se tornar poluído como passar dos séculos e do desenvolvimento e sem ter aparato educativo ambiental para o mesmo, sendo que foram

retirados durante cinco meses enquanto o projeto durou, em uma grande quantidade de material reciclável de suas margens, de onde saiu toda a renda da publicação do livro em sua quinta edição, que inclui uma marca na publicação com as revisões e traduções para línguas inglesa, espanhola e alemã, sendo eles destinadas a venda para turistas e doações em escolas e centros de estudos da cidade.

O livro da ‘Rainha do Recôncavo’, como era chamado o Engenho do Conde no século XVIII, pelo tamanho da moenda em dimensões gigantescas, foi o maior engenho brasileiro, em área plantada, número de escravos e toda a cadeia produtiva em volta dela, seja do comércio ultramarino de escravos e pela economia açucareira, seja marcado pelo desenvolvimento de uma região a princípio desolada do mundo, e que de certa forma me acomodou na questão de responder à pergunta da infância sobre a formação da humanidade, tendo como princípio esta região específica e que se ampliou com o passar dos anos de forma rápida e desenvolvimentista onde foi o palco, marco principal e central da civilização no recôncavo e que mesmo com a força de sua publicação, ainda carece de tombamento de sua área física e campo arqueológico.

Praia de Itapema



Vista parcial da praia de Itapema, Santo Amaro - BA.

Areia, o sol, o vento e o mar. A praia de Itapema, local bucólico e extremamente agradável, com ondas tranquilas e serenas, ideal para sossego e diversão de crianças e idosos por ter marés calmas, conheci ainda jovem na flor da juventude onde ia paquerar as garotas recém chegadas da capital que por parentesco chegavam até ali nos feriados e fins de ano, aliás, possui um reveillon tradicional muito gostoso de estar entre a comunidade que festeja com fogos, comidas e bebidas locais, numa ocasião de aproximação e respeito entre os seus e os visitantes.

Itapema possui poucas ruas e muitas delas ainda de terra em chão e ou direto sob a areia brilhante e de puro branco que liga até a sua praia, mas que está em pleno desenvolvimento com as construções das casas de veraneio e de seus poucos moradores que ali residem, e que nos tempos em que freqüentava existia posto médico e escola, hoje desativados, e que precisam ser reavaliados direito com os órgãos públicos.

A única praia de Santo Amaro, que restou depois do desmembramento com a cidade de Saubara, é um mar aberto e foi em tempos idos e devido a sua permissibilidade de

atracamento de pequenas embarcações, um local excelente para tal, como canoas e barcos de ancoragem que eram dispostos ao seu local, pelo desembarque de navios negreiros ainda no século XVII. As terras onde ficam a localidade de Itapema, por ser uma região muito próxima ao mar e a uma salina, não serviram para a plantação da cultura da cana de açúcar no período colonial do Brasil de comércio Ultramarino, sendo este utilizado para outros propósitos, como os serviços da produção pecuária e de criação de animais quadrúpedes, além de pequenas hortas, onde houve pequenas fugas de escravos para a Mata Atlântica ainda virgem que circundava o local e se aprofundava adentre o Recôncavo.

Tudo isso para falar de um local ‘santo’, e assim de certa forma exemplificar essa condição, lembro que em Itapema também existem pequenos riachos e bicas de água potável, límpida e cristalina da época dos Padres Jesuítas, que descem das entranhas das montanhas e surgem debaixo da terra em nascentes volutas e circulares, e que correm pela terra e faz vingar em pequenas piscinas que deságuam no mar. Essas nascentes são como pequenos olhos d’água que

fluem latentes e atualmente restaram poucas delas devido ao projeto de moradias e construções de residências de veraneio na região, além de queimadas e destruição de boa parte da mata ciliar restante, sobrando um pouco de resquício do verde original mas que não é nada em relação ao que era o local nos tempos da chegada dos povos europeus e africanos a esta parte do continente.

Numa outra ocasião, mais recente tive a oportunidade de voltar a praia, com seus coqueiros altos na plataforma, seu cais construído pelos próprios moradores, que nos fins de tarde repousam quietos e trocam conversa vendo o pôr do sol. E numa dessas oportunidades, além de outras fugas em que tirava férias à toa, só para passear e montar acampamento durante fins de semana e em épocas distintas, fazendo música, escrevendo poemas, ou simplesmente para não fazer nada e se banhar na água gelada das manhãs, onde eu encontrei a delícia de perceber como o vento conversava com as folhas das arvores dispersas além da orla, de como concatenava idéias na noite enluarada, e se me arrepiava a cantiga de pássaros diferentes da cidade como garças, gaivotas e trincas, e de outras aves marinhas que fugiam na

madrugada e voltavam endêmicas no amanhecer do dia para buscarem alimentos e pequenas ostras na areia.

A areia branquinha, por sinal lembra brincadeira de criança, e se prolonga entre a pequena faixa de orla que se encontra lado a lado com o matagal e se funde com os manguezais restantes em um flerte total com o sol que deixa reluzir clara as manhãs e tardes de um poético poente. Sua praia, no entanto, é ideal para os pequenos e para pessoas em idade avançada que buscam um mar tranqüilo para molhar os pés em vista de que possui poucas ondas em relação a outras praias, o que torna ideal para práticas de esporte como remo, vela, esqui aquático, dentre outros que não necessitem de muita força do mar e de ventos, sendo assim muito indicado para principiantes e jovens esportistas e admiradores que muito a freqüentam em épocas de fim de ano e em feriados principalmente.

De Itapema se avista, bem ao longe, boa parte da Baía de Todos os Santos, como a capital Salvador e além da ponta de Saubara, sua antiga e próxima cidade co-irmã, e margens à admirar das cidades históricas de São Francisco do Conde, Madre de Deus e as chaminés da Refinaria Landulpho Alves

com seu pólo petrolífero da Bahia e Candeias. Fato este que de vez em quando surgem especulações a respeito de poluição e sujeira nas praias por falta de cuidado e respeito ao destino de lixo e material não biodegradável tendo o mar como destino, o que resultaria em proibição para uso de freqüentadores, seja, pescadores ou banhistas.

Notório em Itapema é o uso-fruto de pescadores, marisqueiras e catadores, que é um atrativo de bem comum a quem visita a praia, principalmente pela madrugada e de manhãzinha, que gera renda aos povos nativos, onde se pode colher esses frutos marinhos bem pertinho da areia e são comercializados ali mesmo numa espécie de leilão e feira espontânea ao ar livre, unindo útil ao agradável.

A paz e serenidade de Itapema é um recluso diferenciado e único. Escrevo este artigo na intenção de se perpetuar tais elogios e de se permitir e passar com tal veracidade a futuras gerações sua tranqüilidade espiritual, e que venha ser livre de projetos gananciosos e com falta de recursos ambientais e eco turístico adequado que possam ao menos resistir e proteger sua integridade e perpetuidade.

Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes



Procissão de Nossa Senhora dos Navegantes sobre as águas do Rio Subaé em 2018.

Religiosidade, apego, devoção, respeito, origem. Muitas palavras sinônimo de humanidade e desenvolvimento são integras quando se refere e se propõe falar das práticas de cunho religioso na Bahia, a citar o Recôncavo como sua matriz mais emblemática e assertiva e são logradas apropriadas quanto o cunho de muitos devires e a torna refúgio de uma tensão emblemática na fusão de mitos e adendas tradições que transformou o estado em um lugar ímpar nessa questão.

As diversas formas de ligação com a ancestralidade, seja ela de matiz africana, européia ou indígena, revelam o poder da fé desses povos a que foram submetidos durante séculos o desenvolvimento forçado de uma região e país. Não obstante a religião tenha vínculo profundo nesse ínterim, mas que contribuiu e foi seu néctar mais adenso, quando se fez promulgar e instaurar um refúgio para a labuta nos campos de lavoura e produção, que sempre esteve ligado a um centro de controle colonial, a citar a Coroa Real Portuguesa e o tráfico colonial, transformando sua colônia em um local exclusivamente seu.

O rito católico de educação destes povos, em meio a guerras e batalhas, com os povos nativos e indígenas

relacionados ao trabalho escravagista, serviram de alicerce para o restauro e abono temporário para estes povos submetidos e tramitavam em gerar fontes de subserviência e apoderamento das terras que mais tarde com o surgimento da sociedade dos engenhos permitiu-se a criação de igrejas e capelas ao longo das paróquias e vilas.

Nestes povoados, onde os gentios repousavam em muitos deles existia uma capela, que dá ordem da classe dos senhorios traziam sempre consigo uma imagem de santos, onde figurava apelo e devoção por graças alcançadas e serviam de proteção espiritual e ajuda nas horas de dor e sofrimento gerando missas e festins. No engenho do Sergipe do Conde, por exemplo, a pedido de Mém de Sá seu dono, mandou construir uma capela para dar lugar a imagem de São Mauro, um santo católico.

Diversas ordens e repetidas promessas a santos, criaram nos moradores o culto e a devoção, onde se perpetuaram com a criação das cidades em torno dos engenhos e da Baía de Todos os Santos adentro terra, e se tornou mais forte com os surgimentos das festas populares, lavagens e procissões, inclusive no mar.

Dessas festividades marítimas uma das mais populares na Bahia é a festa dedicada a Yemanjá no candomblé ou Santa Bárbara, Bom Jesus dos Navegantes e Nossa Senhora da Boa Viagem ou a Virgem Nossa Senhora dos Navegantes. Trata-se de uma festa com muitas cores, onde presentes são oferecidos aos santos, músicas entoam ao longo do percurso e tramitam adiante muitas baianas com seus colares e rendas, unindo religiões aparentemente diversas.

Em Santo Amaro existe um procissão dessas, dedicada a Virgem Nossa Senhora dos Navegantes, com requintes muitos particulares onde é empregado um rio de água doce a citar o rio Subaé. Este rio que foi primordial no desenvolvimento da cidade desde a época da construção de seu casario curiosamente sai da área do Engenho do Conde no bairro hoje conhecido como Trapiche de Baixo, local que outrora existia um trapiche, ou pequeno cais com armazém de açúcar indo em direção ao Conjunto do Convento dos Humildes e é repleto de beleza e acompanhado de muitas pessoas em canoas e pequenas embarcações que seguem cantando e soltando fogos anunciando a passagem da imagem por suas águas hoje poluídas e que servem

anualmente de protesto e reclames a uma época em que o rio era totalmente limpo e navegável.

Noutros locais também é possível ver e participar desta ação, e tradição e religiosidade marcam os Festejos de Santo Antônio dos Navegantes, onde se tem uma devoção muito forte pelo santo na Ilha das Fontes, em São Francisco do Conde, cidade histórica que tem este nome devido ao Conde de Linhares ou Fernando de Noronha, herdeiro do Engenho do Conde de Mém de Sá que se casou com sua filha Francisca de Sá, a Condessa de Linhares, de onde vem o culto por ligação.

Esse se trata de um grande acontecimento que vinga na Baía, ao qual geralmente começa pela manhã e se estende noite adentro com festas e muita alegria, seguido de uma missa em louvor ao padroeiro e em seguida as embarcações se enfileiram sobre as águas e seguem enfeitando as águas do mar da ilha com uma procissão marítima que percorre outras localidades, como a Ilha de Maria Guarda, Madre de Deus, Santo Estevão, Ilha do Pati e Engenho de Baixo. Após a procissão, a imagem do santo retorna para a capela, na Ilha das Fontes. Os moradores da ilha e das localidades próximas acompanham o cortejo com grande euforia.

A procissão *Ecclesia* da Virgem Nossa Senhora dos Navegantes é uma antiga tradição mantida pelos pescadores, marisqueiros e devotos de santos ligados ao candomblé e ao povo católico, onde acontecem todos os anos, geralmente entre dezembro e janeiro, e serve de calendário de festas religiosas na Bahia. Os fieis acompanham o percurso em barcos, canoas, e embarcações diversas por onde é possível presenciar a fé e orgulho de ter as preces alcançada sendo uma maneira de saudar a Nossa Senhora dos Navegantes, sendo ela uma expressão de fé, e forma assim uma festa muito importante e recheada de magia e esperança dos povos.

Durante muito tempo e devido a este encontro, tenho percebido que a dinâmica das relações humanas e traços de religiosidade tomam caminhos bem definidos numa trajetória de unir-se ao bem comum, e marca a exemplo desse tipo de festejo, o intuito de, justamente, realçar e tornar um vislumbre além do preconceito e intolerância, fazendo gerir e insuspeitar novas possibilidades.

Teatro Dona Canô



Noite de inauguração do Teatro Dona Cano em 2001.

Lembro até hoje da noite de abertura do Teatro Dona Cano. Um evento que foi tão esperado e aguardado por toda a população, principalmente por aqueles ligados à classe artística. Evento que trouxe para o universo das artes no Recôncavo uma possibilidade de adendo ilustre e de respeito pela valorização e restauro cultural de nossa região e que se permitia a ampliar o campo de ações para o cenário e servir de vistas ao campo internacional do entretenimento.

De fato essa mudança que houve, a partir do Recôncavo desde então, muito se deve à utilização do teatro como agenciador direto ou indireto das tendências, mudanças, organizações e outros que envolvam as artes e espetáculos.

Uma obra tão sonhada por todos nós. Lembro que na década de 90, não tínhamos um lugar de conversa sobre a cena cultural e as poucas ações em arte se desenvolviam na praça central da Matriz e eram pouco falados ou visitados. Os encontros culturais se davam exclusivamente nas festividades da padroeira ou em festas de santos, o que eram de carta forma interdisciplinarizados, fazendo com que as diretrizes futuras não tivessem desdobramentos nem valor mais denso e que se formasse uma geração de público e

renda. Com a vinda do teatro tudo muda. As linguagens artísticas se desenvolveram e se preservaram diante do interesse do público e o intercâmbio entre artistas fez da cidade e da região um arcabouço de idéias e trocas simbólicas entre artistas e obras de arte, físicas ou não.

De maneira ampliada, muito das necessidades da via artística se deve à maneira de como é tratado o campo de recebimento da produção cultural e de como se dá às diversas responsabilidades geridas no entremeio das artes, sendo o Teatro um exemplo maior desse ínterim onde se obtém o local exato de reciprocidade e interação das muitas possibilidades que um empreendimento como este suscita.

Lembro que o Teatro foi um presente do então Governador da Bahia, o Exmo. Sr. Antônio Carlos Magalhães, que na ocasião do aniversário da matriarca da família Veloso, a Dona Canô, em visita a Santo Amaro sugeriu que a mesma pedisse um a ele um presente, então ela pensou, pensou e indagou que a cidade na possuía um local de arte, de exposição ou de apresentação, uma casa de cultura ou um centro cultural. Então olhou em seus olhos e mencionou: “... um teatro Antônio, um teatro é o que minha

cidade precisa.”, gerando risos de todos e o que foi prontamente ouvido e atendido anos mais tarde.

Depois de cinco anos deste episódio curioso, o que levou entre a escolha e compra do terreno pelo estado, plano de arquitetura e urbanismo, construção e paisagismo da obra e aparelhagem do mesmo foi entregue numa noite festiva e eloqüente o tão desejado Teatro, que acabou levando o nome da presenteada ao qual não fazia questão de ter o nome dela estampado na fachada do prédio, tudo pela sua simplicidade e boa gente que era.

Nesta época estudava na Universidade Estadual de Feira de Santana onde era ligado ao Núcleo de Estudos da Contemporaneidade, quando este recebeu o convite para a inauguração do Teatro, onde tive a honra e privilégio de representá-lo junto ao Departamento do Colegiado de História e Filosofia, sendo de uma responsabilidade e importância incrível para mim enquanto artista e historiador de um tempo presente que naquele instante tomava outro rumo para um caminho em direção ampliada e futura. Sendo assim, o Teatro Dona Canô foi inaugurado em uma noite de 14 de setembro de 2001 na cidade de Santo Amaro da Purificação, recebendo o nome da querida e amada matriarca

da família Veloso como forma singela de homenagem, onde o mesmo Governador se fez presente além de muitas outras autoridades do governo federal, filarmônicas, a classe artística, prefeitos de cidades circunvizinhas, produtores e público leigo que não sabiam direito para que servia aquele imponente e brilhante prédio espelhado com muitas luzes construído na beira do cais do rio Subaé.

O Teatro ainda hoje é o único espaço cultural da cidade e serve para receber espetáculos itinerantes e projetos locais rotineiros da cidade e de todo o mundo, sendo considerado um exemplo em cuidado e zelo pela direção, oferece programação constante, sendo que no espaço é composto principalmente por espetáculos de teatro, seguidos de música e dança. Tem capacidade para 274 pessoas, onde trabalha em regime de cessão de pautas e recebe também projetos já consagrados em outros lugares, o que resulta em um número de noventa a cem pautas solicitadas anualmente. Possui parceria estabelecida desde 2002 com mais de setenta escolas de Santo Amaro e de cidades circunvizinhas.

Em 2014 fui selecionado para trabalhar como assistente administrativo do teatro, onde pude organizar diversos programas de inclusão e patrocínio direto e indireto,

trazendo espetáculos e orquestras juvenis e infantis, corais e bandas, grupos e autoridades de todas as áreas da cultura, política e ciência para falas, apresentações, seminários e espetáculos vários. Permiti a união e corroboração de todas as linguagens, levando músicos a se apresentarem nele, arrumando exposições e curadorias de arte, além de um plano de cultura para unir artistas de áreas a princípio equidistantes, em coletivos de artistas. Elaborei uma maneira de divulgação que chegava direto nas escolas a convidar com cartazes e falas da importância das artes e dos eventos no teatro, elevando assim o número de visitantes e do público jovem e infantil que necessariamente levava os mais idosos, pai mãe, avós, etc. para assistirem, onde alguns muitos deles nunca tinham pisado num Teatro, além de muitas outras atividades em colaboração ou sozinho, sendo este meu orgulho de ter contribuído, e até algumas vezes sem reembolso nenhum, da construção e fortalecimento cultural de minha região e país.

Arte barroca contemporânea



'Madre má'. Acrílica sobre papel de Denilson Santana, 2018.

O projeto com artes visuais e sua contemporaneidade artística a partir da região do Recôncavo baiano reflete a importância histórica deste lugar inusitado em misturas e polifonias muito assertivas e que se reinventam a cada momento, buscando em seu campo referencial nas diversas nuances e possibilidade que a história da cultura local tem e propicia a oferecer em dinamismos internacionais de investigação visual sua reciprocidade e ser indicativo de influência e resistência que se expandem além ao campo pictórico e pictográfico.

As heranças e matizes visuais gerados e deixados no Recôncavo pelos povos europeus principalmente residem em um acervo de peças, mobiliários, arte sacra, imóveis e outros utensílios que serve a explicar e dar vazão a produção feita a partir dessa região específica, que no acorde das tradições coloniais da época eram embasadas nas vertentes artísticas do Barroco um centro de investigação e afloramento natural às artes da escultura, pintura, engenharia civil e no campo do movimento literário, sendo tendências primordiais, deste o cultismo de um formalismo e o vocabulário rebuscado, emprego frequente das figuras de linguagem e do

conceptismo, ou o truço de jogo de idéias, como o raciocínio e o pensamento lógico.

Num sentido mais aberto e aprofundado do termo Barroco é possível visualizar algumas características primordiais como antítese e paradoxo, ou seja, palavras e sentidos opostos, como: morte, vida, céu, inferno, amor,

A arte Barroca é conhecida pelos detalhes, requinte e elegância exagerados, sendo possível averiguar em exemplos próximos em Igrejas no Recôncavo e em seus casarios e azulejaria como a pintura do forro que existe na Matriz Igreja Matriz da Purificação em Santo Amaro de autoria de José Joaquim da Rocha, maior pintor do barroco brasileiro, este ligado a Escola Baiana de Pintura, onde existe a figuração de anjos e demônios lado a lado com índios e orixás, mesmo que forma simplificada e exibe já uma retenção na discussão de uma arte barroca legitimamente brasileira a partir do recôncavo, sendo que esta se desenvolveu a partir do século XVII em uma época bastante significativa para a civilização no Ocidente, pois nesse momento ocorriam grandes transformações que revolucionaram a sociedade vigente, onde surgiu primeiramente na Itália e logo se espalhando para os outros países europeus. Mais tarde, desenvolveu-se

também no Brasil e no restante do continente americano justamente com a vinda dos colonizadores portugueses e espanhóis.

Portanto, é um movimento que está fortemente relacionado com as circunstâncias históricas em que se insere. Estudiosos afirmam que foi no estilo barroco quando surgiram as primeiras expressões de arte verdadeiramente brasileiras. No Brasil, o Barroco tem seu apogeu no século XVIII e perdurou até o século XIX. No nosso país, em virtude da riqueza do período colonial, temos um acervo marcante de obras de expressão barroca.

Há duas vertentes dentro da arte barroca produzida em solo nacional, a mais requintada ocorreu nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, onde a economia era baseada na cana-de-açúcar e mineração. Nessas regiões são encontradas igrejas com trabalhos em madeira, nos quais os relevos eram cobertos por camadas de ouro. Há também janelas e portas que exibem minuciosas produções em escultura. Nas regiões menos abastadas do país, onde não havia a produção de açúcar nem o ouro, o estilo arquitetônico barroco era mais simplificado e as

igrejas não possuíam trabalhos tão elaborados, pois eram realizados por artistas menos experientes e renomados.

Na história do Barroco vemos na Itália em destaque o trabalho de Gian Lorenzo Bernini (1598-1680). Ele é considerado o artista inaugurador do Barroco, sendo o autor da obra ‘O Êxtase de Santa Teresa’ e na pintura, Tintoretto, Andrea Pozzo, Michelangelo e Annibale Carracci. Além do pintor Caravaggio, que teve uma produção fortemente marcada por temas mais comuns. Ele interessava-se por retratar pessoas do povo, como músicos, vendedores e ciganos. Na Espanha, os pintores de maior destaque nesse país foram: El Greco e Diego Velázquez. Sendo que a verticalidade tem um forte apelo, as figuras são alongadas e traçam um paralelo com as imagens espiritualizadas do período bizantino. Nos Países Baixos, a pintura barroca foi marcada por um caráter descritivo, com cenas da vida cotidiana doméstica e zelo pelo realismo nas representações. Sendo os maiores expoentes dessa vertente: Rubens, Frans Hals (1581-1666), Rembrandt (1606-1669) e Vermeer. Em Portugal esse estilo também marcou presença e vigorou de 1580 até 1756, ano de inauguração da Arcádia Lusitânia e quando surge um novo estilo. O escultor português de maior

destaque dentro da arte barroca foi Machado de Castro (1731-1822). O movimento artístico barroco iniciou-se na Itália, como vemos ainda no século XVII, e não tardou a se espalhar por outros países da Europa. Foi uma época de conflitos espirituais e religiosos,

Sendo assim, fez sua aparição no Brasil no início do século XVII, introduzido por missionários católicos, especialmente jesuítas, que tinham a finalidade de catequizar e aculturar os povos indígenas de acordo com a cultura portuguesa, que aqui habitavam desde no recôncavo com questão de localização.

Entre os artistas que produziram na fase Barroca, destacou-se o baiano Gregório de Matos Guerra, muito conhecido por “O boca do inferno”, que se firmou como o primeiro poeta barroco brasileiro, formando-se em direito em Coimbra (Portugal), cultivou a poesia lírica, satírica, erótica e religiosa. Isso além da gama imensa de profissionais escultores, engenheiros, pintores, ferreiros e cortadores de pedra, pedreiros, mestres de obra, artistas em comum, e a todos que de alguma forma e sendo possível veracidade em análise arqueológica e paleontológica a sua

comprovação por vestígios da cultura, onde entoa a importância ainda hoje em uma arte forte e vindoura.

Todas estas questões levantadas acima eclodem numa tendência de instauração e reciprocidade ainda hoje que serve de ponto de referência, não único, mas que tangem em direcionamento estético quando se fala em uma criação e na produção ainda viva de uma arte contemporânea barroca produzida no Recôncavo, que insiste em consubstanciar na arte atual uma transculturação e locus de sentido e contracultura, tão presente no movimento e que eximam de contrapeso e local de discussão de originalidade, redundância, banalidade e proselitismos.

Criação do Museu de Arte Contemporânea do Recôncavo



Logotipo original do projeto do Museu, 2018.

A arte tem o papel principal de reflexão de idéias, entretenimento e bem estar. Pensando a partir desta premissa, em 2015 tive a idéia de transformar um antigo terreno publico onde se tem um prédio em ruínas para a instalação de um Museu de arte contemporânea no Recôncavo, mais especificamente na cidade de Cruz das Almas, localizado em um prédio abandonado de antiga Rede Ferroviária do Brasil, a antiga: Leste Brasileira, e como em algumas cidade do Brasil este tipo de casarão e terreno estão sendo feitos posse públicas para juntamente com seu restauro e codificação do espaço se transformar em órgão de utilidade pública, assim me propôs a registrar tal ação e dar inicio ao plano de transformá-lo em museu do mesmo.

A idéia inicial era de ir até ao órgão federal mais importante do país, no caso o IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus para dar prosseguimento a esta jornada, sendo que tive que vender alguns dos meus livrinhos de poesia e história para ir até Brasília, local da sede do instituto. Na ocasião e por ter me empenhado tal proposta, submeti-o à Câmara de Vereadores da cidade a posse pública do terreno e do prédio para transformação do Museu de Arte Contemporânea do Recôncavo, um estabelecimento de

importante fluxo e desenvolvimento da região, o que foi já em primeira instância apreciada e votada integralmente e aprovada de imediato pela qualidade da proposta e seguiu direto pra as mãos do prefeito e da Secretaria de Cultura para apreciação e continuidade do mesmo, Se passaram dois anos e nada de resposta, depois vi que carecia de ir investigar para onde foi o projeto e procurando a Secretaria fui de forma inesperada e sem entender como: Eles me disseram haver perdido o projeto, que causou horror e desaprovação por minha parte e sem entender fiquei até um pouco furioso. Mas, porém, contudo, todavia, inacreditavelmente um ano depois, neste este ano que escrevo, o projeto do museu reapareceu modificado como plano de governo em época de eleição da chapa atual, e me pus a pensar de como as pessoas agem por simples politicagem e podem ser tão ruins, e com um conterrâneo e contemporâneo seu, em agir desta forma? Não deram atenção na época só porque o presidente da Câmara que aprovou era de outra coligação partidária, e muito devido à resposta positiva nas redes sócias comentando, e milhares de *likes*, da criação e construção do Museu, por ser um empreendimento sério e extremamente responsável em desenvolvimento local.

A implementação do Museu de Arte Contemporânea do Recôncavo é uma obra sonhada e certamente um vislumbre além de seu tempo, no que diz respeito a aceleração do crescimento social, político e cultural de nossa região, e em especial à cidade de Cruz das Almas. Sem nenhuma dúvida um empreendimento de enorme importância para a produção e circulação cultural na nossa região, além do resgate, posse e restauro do prédio histórico da antiga estação férrea, RFFSA, dando-lhe um valor utilitário e humanístico.

Espaço de contemplação de obras de arte e divertimento livre para a população, reflexão e entusiasmo pela valorização da produção histórica, contemporânea e poética em artes visuais a partir desta região específica da Bahia, local tão proeminente e forte de solo brasileiro e que anda carente de tal reafirmação como valor cultural e de vantajadas possibilidades artísticas.

O Museu de Arte Contemporânea do Recôncavo trata-se de uma instituição sem fins lucrativos, diretamente apoiados pelos governos municipal, estadual e federal e que tem como meta a participação livre e gratuita da população em geral, sendo de total interesse de entretenimento sócio-

cultural e educativo, perpassando na circulação de eventos e integrando aos centros culturais da Bahia e do Brasil.

Sua missão é desenvolver projetos culturais e educacionais na área de artes visuais, principalmente na Área do Recôncavo, adotando as melhores práticas de gestão e favorecendo o diálogo entre as propostas artísticas contemporâneas e a comunidade. E como um equipamento cultural, será utilizado pelo Governo do estado como um centro cultural e receber mostras selecionadas por editais de cultura, da SECULT-BA por exemplo, e de outros estados e nações.

A criação do Museu de Arte Contemporânea do Recôncavo é uma obra social de forte valor institucional e pretende atuar de forma participativa e colaborativa com a inserção de apoiadores e artistas vinculados com a responsabilidade de re-posicionar noções de curiosidade, criatividade e invenção entre todos.

Equipamento cultural de alto valor para a região do recôncavo e do país, o MAC Recôncavo é um empreendimento de suma importância sócio educativa, educativa e artística. Prima pela valorização de obras de arte

e artistas, principalmente da região e intercâmbio internacional para o campo das artes e entretenimento.

O Museu em seu plano inicial possui:

Centro Cultural com Palco multimídia para circulação de espetáculos e oficinas

Salão para exposições temporárias

Acervo com obras de artistas renomados das 32 cidades do Recôncavo Baiano

Pavilhão História da Cidade

Sala 'Museu do Fumo'

Parque de esculturas

Biblioteca específica de artes

Monitoria e acompanhamento específico

Estacionamento

Áreas de Museologia e Artes Visuais

Sala de direção e Coordenadorias e Secretariado

Manutenção, Limpeza e Segurança e acesso Fácil.

São seus objetivos:

* Promover a criação, divulgação, difusão e propostas de obras de arte e projetos curatoriais na/para a região do Recôncavo baiano.

- * Construir uma plataforma para artistas e curadores de propostas criativas e inovadoras emergentes no campo das artes visuais.

- * Facilitar o diálogo, o intercâmbio e a discussão crítica das práticas artísticas atuais, como o emparelhamento regional, global, seus desafios e oportunidades assim como seu compromisso educacional.

- * Divulgar os resultados, experiências e conclusões do Museu no Brasil e no exterior através de publicações de exposições e mostras por meio físico e digital.

- * Promover a notoriedade da marca do ‘Museu de Arte Contemporânea do Recôncavo’ através da difusão das artes contemporâneas e do apoio ao empreendedorismo criativo.

- * Acesso à cultura e à arte a milhares de pessoas, de forma gratuita.

Com a ênfase nas ações educativas e nos seguintes princípios norteadores:

- * Foco na contribuição social, buscando reais benefícios para os seus públicos, parceiros e apoiadores;

- * Contínua aproximação com a criação artística contemporânea e seu discurso crítico;

- * Transparência na gestão e em todas as suas ações;

- * Prioridade de investimento em educação e consolidação da o Museu como referência nos campos da arte, da educação e pesquisa nessas áreas.

- * Repercussão positiva na mídia e públicos em geral e nas ações educativas para estudantes, professores, além da formação de novas possibilidades para ao campo das artes visuais entre artistas e jovens da nossa região.

Sobre o Autor:

Denilson Conceição Santana. É historiador, pesquisador e curador de arte. Pós-graduado em Docência no ensino superior. Ganhou prêmio 'Artista universitário baiano' em 2004. Fez residência artística na UnB em 2008. Escritor com pesquisas, catálogos, encadernações e livros importantes na área de história, filosofia e arte contemporânea, com lançamentos na ANPUH e ANPAP. Suas pesquisas giram em torno de temas como: História, crítica da arte, artes visuais, cultura e tecnologia. Realizou curadorias de exposições e eventos em universidades, museus, centros de cultura e espaços não institucionalizados. Idealizador da Bienal do Sertão de Artes Visuais dentre outros.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- SANTANA, Denilson Conceição. **A Arte de/The art of Denilson C. Santana.** Editora Faz de Conta. 2017.
- _____. **Curadoria e Docência no Ensino Superior.** Ed. Faz de Conta, 2019.
- _____. **Santo Amaro da Purificação – Fotografia e Memória, Séculos XIX e XX.** Ed. Faz da Conta, 2016.
- _____. **Arte Contemporânea no século XXI, o primeiro decênio.** Org. Denilson C. Santana. 2016.
- _____. **Sobre Arte - História, filosofia e procedimentos artísticos.** UEFS, 2010.
- _____. **Poemas Reunidos.** Ed. Faz de conta/UEFS. 2009.
- _____. **Notes of contemporary art.** Edição bilíngüe. Recôncavo Baiano, Ed. Faz de Conta. 2004.
- _____. **A Rainha do Recôncavo. Memória Histórica do Engenho do Conde.** Ed. Faz de Conta. 2004.
- _____. **O Pós - Mídia. Ilusão e Pertença na Arte Contemporânea.** UEFS. 2001.